

Bento de Jesus Caraça

42

A *Seara Nova* (n.º 1472, Julho de 1968) e a *Vértice* (n.º 301/2/3, Outubro a Dezembro de 1968) dedicaram os números a Bento de Jesus Caraça no 20.º aniversário da sua morte. Mais do que uma homenagem perpassa nas páginas impressas uma Vida, cujo testemunho se nos impõe na luta contra uma estrutura que freia um Povo. Pela pena de Manuel Mendes, Prof. Fernando da Fonseca, Prof. Sebastião e Silva, Joaquim Hacoberty, Abel Manta, F. Keil do Amaral, José Gomes Ferreira, A. M. Sá da Costa, Manuel Rodrigues de Oliveira, Alberto Pedroso e Ruy Luís Gomes na *Seara Nova* e Alberto Vilaça, Luís Neves Real e Ilídio Sardoeira na *Vértice*, chega mais perto de nós Bento Caraça. Ambas as revistas incluem, também, alguns dos seus escritos.

Se a sua vida foi um grito de inconformismo e labor é também um documento trágico da obstrução intelectual na sociedade portuguesa. Humanista, matemático notável, membro (expulso) do corpo docente da Universidade, Presidente da Direcção da Universidade Popular Portuguesa, e Director da Biblioteca Cosmos — 110 títulos em 9 anos com uma tiragem média de 6960 exemplares, foi escorraçado por deliberação oficial do património cultural e científico.

O sentido da sua vida vem até nós, impregnado de força e determinação,

nalguns dos seus escritos, de que registamos três passagens:

No seio das sociedades manifestam-se permanentemente dois princípios contrários—o individual e o colectivo—de cuja luta resultará um estado superior dessas mesmas sociedades, em que o primeiro princípio—o individual—chegado a um elevado grau de desenvolvimento, se absorverá no segundo.

Só figuram de folhas caídas, para uma geração, aquelas gerações anteriores cujo ideal de vida se concentrou egoisticamente em si e que não cuidaram de construir para o futuro pela resolução em bases jargas, dos problemas que lhes estavam postos, numa elevada compreensão do seu significado humano.

As alusões nunca são perdidas. Elas significam o que há de melhor na vida dos homens e dos povos. Perdidos são os cépticos que escondem sob uma ironia fácil a sua impotência para compreender e agir; perdidos são aqueles períodos de história em que os melhores, gastos e cansados, se retiram da luta, sem enxergarem no horizonte nada a que se entreguem, caída uma sombra uniforme sobre o pântano estéril da vida sem formas.

Poderia e devia terminar aqui esta breve recensão não queremos, no entanto, secundando o editorial da *Vértice*, deixar de salientar a urgência de se proceder à reedição das suas obras bem como à compilação dos seus escritos dispersos.

F. B.

IMPRESSO DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

UMA NOTINHA

O calendário presenteia-nos cada 365 dias — que o mesmo é dizer 11 números de O Tempo e o Modo — com um novo pulsar do seu ritmo monótono. E este renovar, a que somos insensivelmente obrigados a aderir, é pretexto numa visão programática para críticas e promessas, numa permanente ansiedade que o tempo vai formalizando. Assim ao olharmos o ano 68 da Actualidade Crítica somos tentados a fazer uma *notinha*. Não uma estatística tão completa e complexa que inpperante, escondendo na *magia* dos coeficientes uma realidade singular e facilmente detectável. Não uma análise metódica e sistemática... nada disso... uma *notinha mesmo*.

Durante o ano de 1968 (n.º 56 a 65) publicou a Actualidade Crítica, excluindo recensão de livros, 32 notas. Destas somente 6 se referiam directamente a Portugal. Se a quantidade é já deprimente, menos de 20%, a qualidade torna tudo mais escuro... e mais claro... *Fora de portas* passaram por aqui: as eleições americanas, invasão da Checoslováquia e Cuba, Chipre e o Mediterrâneo, etc. Da *nossa terra* apenas aqui se deslocou: a cerimónia magna em que a Academia das Ciências recebeu Gilberto Freyre; um *bocadinho* de contracto colectivo de trabalho dos estivadores do Porto de Lisboa uma entrevista com os pescadores de S. Sebastião; um apontamento sobre crédito à exportação; a Universiada-69 e até uma olhadela sobre o Regime.

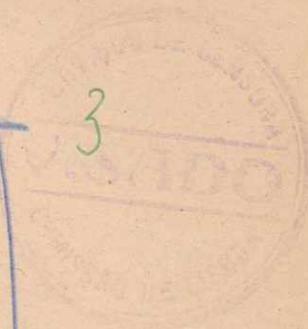
Basta de comentários. Tudo isto fala já demais. Avisado andou o leitor que foi lendo Portugal onde se escrevia... Sildávia... foi, infelizmente, o único meio de que se foi conseguindo lançar mão para algum etendimento.

P. S.: — Afinal no ano transacto saíram a público 7, e não 6, notas sobre Portugal, pois esta *notinha* cabe de modo pleno em 1968 (pelo *andar da carruagem* também no ano corrente), e sobre *esta terra* é, talvez, perdoe o leitor a imodéstia, a menos marginal das publicadas.

F. B.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES





BRASIL: PAÍS DO FUTURO

«Do presente é que não» diria na típica pronúncia tropical um daqueles «caipiras» espertos e manobreadores que encontramos tantas vezes nos livros de Jorge Amado.

A verdade é que «seu» Costa e Silva «mandou brasa» e quando ele «manda brasa» treme a nação e o país...

Tudo começou quando o deputado Márcio Alves incitou os brasileiros a boicotarem o desfile da independência que comemorava o momento histórico em que, no Ypiranga, D. Pedro de Alcântara «mandou brasa» também... Entre «mandar e não mandar brasa» vem decorrendo a política brasileira. Seria curioso dividir os actuais políticos do Brasil em dois grupos. Os que «mandaram brasa» e os que «não mandaram brasa». No primeiro grupo teríamos Castelo-Branco, Costa e Silva, Lacerda, etc. No segundo grupo, Jânio, Goulart, Kubitscheck e também etc. Não vamos falar de alguns políticos como Ademar que «mandaram brasa» e a quem a «brasa» caiu em cima. Agora são «capitães de indústria» e foi por brincadeira que lhes tiraram os direitos políticos... Angela Maria vai-lhes dedicar um samba.

Entretanto, os dirigentes militares assumiram latíssimos poderes, suspenderam o Congresso, prenderam pessoas dos mais diversos quadrantes políticos, encerraram

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Provas enviadas à Censura em

3...1 de1..... de 196...9



jornais e impuseram a censura prévia à imprensa. Isto tudo sem que no país se desenhasse qualquer reacção dos sectores políticos mais atingidos. A calma não saiu das ruas e os brasileiros continuaram calmamente a tomar banho na praia de Copacabana sob um calor sufocante.

As consequências e ambiguidades da situação criada pelo golpe militar de 1964 continuaram a repercutir-se no presente. Na verdade, na «revolução» de 64 coexistiram lado a lado, dois sectores muito diferentes. Anote-se a presença de elementos ligados ao grande capital industrial e latifundiário apavorados com a avançada política social do governo Goulart mas defensores de uma cdrta legalidade democrática, lado a lado com grupos de militares mais ou menos fascizantes oriundos da Escola Superior de Guerra do Rio de Janeiro. Esta escola definiu para as forças armadas uma função complexa e determinante na manutenção daquilo a que chama a segurança Para isso baseia-se numa doutrina globalista de sentido único. Assim, sendo o comunismo o inimigo n.º 1 dos povos, competirá às Forças Armadas desencadear contra ele uma ofensiva constante e resoluto. Ora acontece que para essa ofensiva é, na lógica da «Sorbonne Brasileira», essencial a colaboração e o apoio activos da potência mundial anti-comunista por excelência — os U. S. A. Só estes poderão equipar devidamente as Forças Armadas e apoiar diplomáticamente governos de extrema direita. Na verdade, os militares Brasileiros não encaram como elemento essencial da sua política anti-comunista, a supressão da miséria e da fome...

Não obstante, choques graves se vão produzindo entre as forças políticas de cuja aliança nasceu a revolução de 1964.

Assim, a política decididamente pró-americana defendida pelos militares tem como contrapartida uma invasão do Brasil por capitais estado-unidenses, com

COMISSÃO DE CENSURA (SÉDE) CORTADO

um tratamento preferencial no que se refere a impostos, exportação de lucros monopólios, etc. Ora esta invasão económica provoca choques cada vez mais intensos entre os capitalistas nacionais e os norte-americanos e destes choques é revelador a última crise política Brasileira. Alheia aos interesses fundamentais da população, proveniente de golpes de palácio e de reuniões de gabinete é natural que não tivesse tido uma grande repercussão na rua e que tenha constituído mais um episódio na luta pelo poder entre forças divergentes de que Costa e Silva de um lado e Carlos Lacerda do outro, são os leaders aparentes...

Não obstante, importará não esquecer que desde a queda de Goulart, a esquerda e a extrema-esquerda brasileiras perderam qualquer perspectiva de combate contra o governo. Divididos entre «chineses», «soviéticos», «fidelistas», «sindicalistas revolucionários», etc., os movimentos de esquerda ou extrema esquerda mostram-se incapazes da acção necessária. O Partido Comunista Brasileiro dividiu-se em três partidos independentes que se digladiam entre si e se mostram incapazes de encabeçar qualquer unidade. A única força coerente à esquerda parece ser um sector católico minoritário na hierarquia, mas muito activo e muito coeso cujo chefe é incontestavelmente o Bispo do Recife D. Helder Câmara. Porém não parece que tenha chegado a hora da Igreja Brasileira transformar em acto a sua tão apregoada vocação revolucionária...

Entretanto, anuncia-se constantemente a prisão de padres, diáconos e dirigentes da acção católica, insinuam-se terríveis conspirações e um barril de pólvora vai-se lentamente constituindo sob os pés dos governantes brasileiros. Faltará talvez um detonador. E daí talvez não... Carlos Marighellas continua vivo, em liberdade e em acção.

J. L. N.

PROVAS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO



ARTES E LETRAS
CONTO
VIUVAS NEGRAS

O título não deverá levar o leitor a pensar que se trata de um fácil trocadilho a propósito dos véus de cor negra que as viúvas usam juntamente com vestidos da mesma cor, muitas vezes para ocultar uma alma lépida e saltitante de que uns olhitos brilhantes, vivos, imaginosos seriam testemunho revelador.

Também não vamos tecer qualquer tipo de considerações sobre a terrível e venenosa aranha do mesmo nome que abunda nos territórios da América do Norte e do Sul.

«In medio virtus» segreda-nos aqui do lado, um hesitante... Pondo entre parêntesis a mais que discutível verdade do conhecido brocardo latino, diríamos que não vemos bem como será possível definir um meio termo entre duas coisas tão diversas: — a viuvez humana e o tremendo aracnídeo.

Quando muito, poder-se-ia dizer que entre viúvas e aranhas existe em comum uma imensa vontade de morder...

A indagação, todavia, ainda não nos satisfaz completamente. Falta sobretudo uma sólida base científica. Em primeiro lugar porque se trata de duas espécies

SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

diferentes de mordedura — a do amor e a do veneno.

Em segundo lugar, porque embora em ambas as mordeduras exista uma certa base de irracionalidade, se trata de uma irracionalidade de sentido assaz diverso.

Assim, espíritos dominados por um extremo rigor científico poderiam perguntar-se se estes dois casos limites seriam possível de englobamento num único conceito de — «vontade de morder».

Opinámos decididamente num sentido afirmativo. Para isso temos algumas boas e sólidas razões que, todavia, nos dispensaremos de dilucidar aqui até à exaustão.

Contudo não resistimos à tentação de recordar que, não obstante um conspícuo acordão do Supremo Tribunal de Justiça fazer muito justamente a distinção entre os diferentes tipos de beijos de acordo com o fim a que se destinam ou com a sua causa próxima ou remota (beijos voluptuosos, de amor ou simplesmente de mera familiaridade...) ainda ninguém propôs a pura e simples destruição do conceito de beijo. Da mesma forma não se encontram na história nenhuns comentadores que neguem a possibilidade de se falar do beijo reportando-se aos que foram trocados entre Cristo e entre Judas.

Parece-nos assim passível de uma certa aproximação, ressalvando evidentemente as inevitáveis contradições, estes dois tipos de «vontade de morder», até porque se há viúvas (humanas) que pela mordedura oriunda de um amor (ou ardor...) insatisfeito, inoculam o veneno, há também igualmente viúvas (aracnídeos) negras que também e após o acto amoroso, envenenam sàdicamente o macho...⁽¹⁾

Assim diríamos que, com a morte do companheiro, as viúvas vêm destruído o seu pequeno mundo. Perderam o nivelador do seu comportamento interno e externo. Perderam a segurana, perde-



COMISSÃO DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

(1) Vide «Aranhas, Aranhas e Aranhas» - Biblioteca Cosmos

ram o equilíbrio hormonal e vivencial. Para mais e após uma vida inteira de obediência cega perderam o salutar hábito de pensar. Não usaram o cérebro e este, de órgão do pensamento, degradou-se em mero material de enchimento tal como o serrim, o folhelho ou a sumaúma. Tornam-se azedas e irritantes, têm sonos pesados e sonhos de pesadelo, vão para a janela das casas ver os homens na vida quotidiana, fazem má língua com as congéneres, falam da vida sentimental da porteira, perseguem o namoro da criada, olham com nostalgia a parte desocupada da cama, suspiram diante do jardineiro, do contador do gaz, do porteiro e do padeiro, únicos representantes do outro sexo. com quem lhes é fácil contactar, rodeiam-se de gatos, de cães-zinhos «Lulus» e «Totós», chamam-lhes seus filhos edsejando que dentre estes irracionais a quem distribuem toda uma afectividade estivesse um, ao menos um, que sob a forma animal ocultasse um príncipe, encantado por duendes a quem um beijo, um beijinho, rettituísse à sua forma humana.

Lentamente vão envelhecendo, tornando-se infantis, perdem os últimos restos de vontade, reagem por instinto, não têm sentimentos nem raciocínios, têm raivas e impulsos. Nelas desenvolve-se um complexo de cerco, uma mania de perses guição. Agrupam-se em rebanhos e tertúlias, sentem-se acoçadas, frustradas, abandonadas e perseguidas. Tentam morder, arranhar, barafustar. Tornam-se por fim venenosas...

E então já não se sabe se estamos perante seres humanos ou aranhas venenosas e para ambos parece idónca a designação de Viúvas Negras.

J. L. N.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Previdência rural

Na recente proposta de lei da Previdência rural ressaltam, fundamentalmente, três aspectos: (a) não se especifica o modo de obtenção dos fundos; nega-se tão só — sossegando o capitão fundiário — que o encargo caia totalmente sobre a economia agrícola;

(b) não se estende à totalidade da população activa agrícola; (c) toma como veículo as Casas do Povo. Interessante e conclusivamente os aspectos referidos apontam para uma mesma via.

Assim debater (apresentar) qual a origem dos fundos é no momento presente problema menor — face aos objectivos — e talvez inconveniente. Lança-se a palavra *salvadora*: Previdência; não se beliscam, como vimos até se acalmam, alguns interesses mais susceptíveis e menos capazes de compreenderem que a estabilidade social tem o seu custo, ainda que — para eles — módico.

Por outro lado o facto de não se estender a Previdência a toda a população activa agrícola, obedece a uma concepção bem determinada das relações de produção agrícola a estabelecer e simultaneamente não prejudica o enorme impacto da fraseologia previdencial. Note-se que o sector não abrangido pela proposta de lei é o dos trabalhadores, proprietários e rendeiros das explorações

agrícolas muito pequenas bem como os assalariados temporários. A não protecção do camponês insere-se numa política de concentração, traço fundamental da protecção ao grande capital fundiário, que pode, é forçoso reconhecê-lo, ter variantes.

Finalmente a importância concedida às Casas do Povo é um facto relevante. Vejamos. Atribui-se-lhes a representação profissional dos activos agrícolas, na linha da nova lei referente à organização sindical. De notar que apenas cerca de um terço do total da população activa agrícola é filiada nas Casas do Povo. Instaura-se nestas um fundo de Previdência em que pode intervir, até por supressão dos subsídios, o Estado Corporativo. Abre-se assim o caminho a um «sindicalismo» agrícola, devidamente controlado, que permite um reajustamento do Regime Corporativo no meio rural.

Previdência — palavra *mágica*. Assim vai, por certo, actuar a proposta de lei referente à Previdência rural. O rendimento a obter pode ser frutuoso; além do mais Novembro vem já próximo e nestas coisas mais vale prevenir... na hipótese fantasista de não estar já tudo devidamente remediado.

F. B.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

SERVIÇOS DE CENSURA
PREVIDÊNCIA RURAL
11

Universidade Portuguesa, o que é?

Nestes últimos meses, veio-se notando um sensível acréscimo de interesse por tudo o que à Universidade portuguesa diz respeito, como se, de repente, governantes e governados tivessem acabado de despertar do longo sono que nem sequer as crises precedentes (1962 e 1965) haviam conseguido interromper.

Assinalemos sumariamente alguns dos factos responsáveis por este súbito acréscimo de interesse. Tivemos primeiramente a decisão do primeiro Conselho de Ministros presidido pelo Professor Marcelo Caetano de dedicar uma importância prioritária aos problemas da Universidade. Tivemos em seguida a criação duma Comissão formada por um certo número de personalidades com a função de realizar um amplo inquérito à Universidade a fim de detectar os seus factores de crise, isto enquanto a nossa imprensa vespertina procedia a um limitado inquérito junto de professores e estudantes, do qual ressaltava a opinião unânime de que a Universidade portuguesa se encontrava num estado agudo de enfermidade. E no seu segundo discurso à Assembleia Nacional, não deixou o novo Presidente do Conselho de se referir à premência dos problemas escola-

res, acentuando, porém que não se devia rodeá-los dum «clima emocional». Clima emocional esse que acontecimentos ocorridos na Faculdade de Letras, deixavam prever e que duas notas posteriores do Ministério da Educação Nacional mais vieram acentuar, nomeadamente a que fazia referência ao encerramento do Instituto Superior Técnico e da respectiva Associação. Assistiu-se então à realização de várias reuniões gerais de estudantes, em Lisboa e Coimbra em que, para além dos protestos contra a decisão ministerial, se equacionaram alguns dos graves problemas com que se debate a Universidade — reforma e democratização do seu ensino, autonomia na sua gestão. A greve geral a que se assistiu então na Universidade de Lisboa suscitou evidentemente acerbas reacções de alguns deputados da Assembleia Nacional que não se cansaram de vituperar os estudantes, receando, talvez, a transformação de Lisboa em Nanterre!...

Mas como, entretanto, da Comissão de Inquérito nada mais se soube, a questão continua levantada: Universidade Portuguesa, o que é?

A. R.

TODO O GENERAL É TRIPLO

De Gaulle é um anarquista da direita, mas tem o poder a sua bomba é a deflagração do Verbo. De Gaulle fala e governa contra todos os franceses, contra toda a opinião pública. Ele pratica não a subversão mas a superversão acto típico do provocador profissional, Soberano nacional que defende o posto contra duas oposições à esquerda e a direita, praticando no plano externo um «imulacro» da política da primeira e no interno um outro simulacro da política da segunda, faz simultâneamente frente às duas e aparentemente atirando-as uma contra a outra, apaga as últimas contradições de cada uma delas em relação à outra. *Aparentemente*, porque se este jogo de passe-passe, fascina e distrai os provocados, e tem provisòriamente, a trágica grandeza de um polichinelo insolente, pouco depois, já usado, consumido, perde os teatrais efeitos, porque de representação se trata e a extrema transparência de cada sua nova provocação revela cada vez mais o anterior mecanismo exposto.

De facto, por detrás das estreitas concepções do que seja uma Grandeza nacional, preocupação teopolítica por excelências, por detrás deste anarquista que dispõe seus ministros como laciaos, seu povo espectador, este pró-Hanói, que o é por razões de consumo e prestígio interno e externo revela a sua essência acabada de despota moderno, claro está, em termos



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

européus, ou seja: termos refinadamente, concebendo a política como uma teologia do que seja uma «grandeza nacional», cuja crítica não cabe, nem às massas, inertas por definição do príncipe, nem aos partidos, confundidos e inanes. A única crítica só De Gaulle a detêm, só ele tem o direito e o dever disso, e os golpes de leme lhe cabem.

Pode-se dizer que o general toma o seu Israel onde lhe convém. E porquê? Israel, país sacralizado pela opinião pública francesa e que funcionava como o mito dum pequeno povo heróico e ameaçado por todos, a pouco e pouco perdia terreno na opinião e já se começavam a desenhar os verdadeiros contornos de Israel, país expansionista e bélico que de ameaçado passava a ameaçador.

A França tinha ajudado militarmente Israel, os helicópteros que executaram o raid-atentado contra o Líbano antes da estrela de David ostentavam a cocarda francesa, Israel foi mesmo o campo de treino da aeronáutica militar francesa. Os primeiros autênticos combates dos ultramodernos Mirages deram-se durante a guerra do Sinai. E não é preciso lembrar todo o apoio e frisson nostálgico de todos aqueles que se esqueceram de que se os campos de concentração se podem repetir, e os refugiados palestinos são bem a prefiguração moderna dum campo de concentração, não são por isso a autorização moral que justifica uma agressão.

A. L.

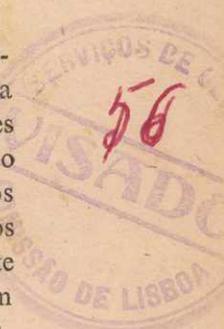


SERVIÇOS DE CENSURA
(GEDE)
CORTADO

consumo, abriu o caminho para o consumo de massa e lançou as bases do neo-capitalismo. Podíamos multiplicar os exemplos que permitem concluir que a acção do reformismo, impedindo o movimento operário de utilizar as crises e os desequilíbrios do capitalismo numa perspectiva revolucionária, deu ao capitalismo as tréguas que lhe eram necesserárias para ultrapassar um a um os seus desequilíbrios e crises chegando ao ponto de, por vezes, lhe fornecer os meios. Por outras palavras: o capitalismo revelou-se um regime suficientemente elástico e dinâmico para acabar por ultrapassar as contradições que nascem do seu próprio desenvolvimento. Um movimento operário que queira utilizar essas contradições numa perspectiva revolucionária deve, conseqüentemente, calcular a sua acção e a sua luta, acumular reivindicações e conquistas a um ritmo que ultrapasse a capacidade de adaptação e de transformação da sociedade capitalista. Mas um movimento operário que não conceda qualquer trégua ao capitalismo, que utilize todas as suas contradições, todos os seus desequilíbrios, todas as suas crises, não para propor soluções «realistas» (ou seja aceitáveis pelo sistema) para levar o capitalismo à parede, só pode ser um movimento revolucionário e não pode, em momento algum ou em acção alguma, esquecer que o fim da luta não é apenas a melhoria das condições de vida, mas a conquista do poder e o derrube do sistema. O movimento operário tradicional, de inspiração principalmente reformista, nunca teve tais perspectivas.

No entanto o velho reformismo, mesmo quando conservou uma atitude subalterna em relação à hegemonia capitalista da sociedade, e quando só pretendia reivindicações que o capitalismo podia satisfazer, foi sempre a expressão política do movimento operário de classe. Se não combatia o sistema, era considerado pela classe capitalista como um adversário. Enquanto as classes capitalistas encontravam apoio suficiente para manter a sua hegemonia e para manter em respeito o movimento operário, o próprio reformismo podia aparecer como um aspecto legítimo do movimento operário socialista.

Mas com o advento do neo-capitalismo produziu-se uma mudança de qualidade nas relações com o movimento operário. Pelos motivos que atrás exusemos, o capitalismo achou-se na necessidade histórica de procurar junto do movimento operário uma nova base, de procura, conseqüentemente, um compromisso permanente, enquanto que, por sua vez, o movimento operário social-democrata foi levado, pouco a pouco, pela sua própria lógica (lógica intensa ao sistema) a tornar-se não já no adversário dos capitalistas mas no apoio mais certo do «capitalismo moderno». Léon Blum foi o primeiro que tentou dar uma justificação lógica a esta atitude, confinando o movimento operário, quando esta participou do governo, a um papel de «gerente dos interesses capitalistas».



SERVÍCIOS DE CENSURA (SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTES

1 de Dezembro — Em todo o país se comemorou a data histórica. Uma representação de filiados da Mocidade Portuguesa — patriótica organização de que o Presidente do Conselho foi em tempos idos, Comissário Nacional — entregou a este uma âncora romana, cujo cepo foi encontrado ao largo de Sesimbra por mergulhadores da M. P.

2 de Dezembro — O Ministro da Educação revelou que estavam já definidas as bases e constituídas as comissões de inquérito para a Reforma da Universidade. Mas — advertia — «sem intenções límpidas não pode haver margens claras»

A esposa do Presidente da República, numa cerimónia tocante, inaugurou a Árvore de Natal do Cinema S. Jorge.

3 de Dezembro — O conhecido ginecologista Dr. Fernando de Almeida toma posse do cargo de Catedrático de Arqueologia e História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa.

À noite, sabe-se que a Comissão Executiva da União Nacional apresentara a sua demissão. Era presidida pelo Dr. Castro Fernandes, conhecido pelo seu férreo salazarismo.

4 de Dezembro — Na Assembleia Nacional começaram os trabalhos sobre a Lei de Meios.

5 de Dezembro — É submetida à Assembleia Nacional uma proposta de lei que confere às mulheres direitos eleitorais iguais aos dos homens.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES



res. Não foi divulgado o conteúdo exacto dessas frases.

O Ministro do Interior alude à «*primavera política em que estamos vivendo*». Vai proceder-se à revisão dos estatutos da União Nacional.

Salazar formula perguntas, diz um boletim médico.

8 de Dezembro — Agrava-se a crise estudantil. Uma nota oficiosa do Ministério da Educação anuncia o encerramento das instalações do Instituto Superior Técnico e a suspensão dos dirigentes da Associação de Estudantes daquela escola.

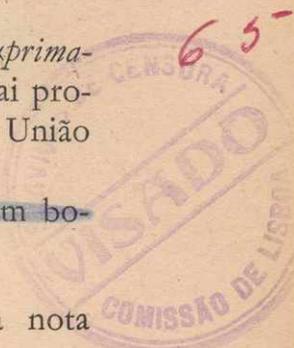
Salazar melhora.

10 de Dezembro — O Dr. Mello e Castro foi nomeado Presidente da Comissão Executiva da União Nacional. *O Século* diz que esta nomeação «*pode ser considerada como de muito especial significação política.*»

Foi ordenado um inquérito à A.E.I.S.T., noticiando-se ainda que na véspera tivera um lugar plenário de estudantes, em que os alunos de Medicina pediram a greve geral, imediata e indefinida. A Polícia compareceu na Universidade, mas não chegou a intervir.

tarde o Ministro da Educação recebeu estudantes representativos das Associações e — segundo *O Século* noticiava numa fórmula curiosa — «*a frequência às aulas ressentiu-se.*»

11 de Dezembro — Foi exonerado do cargo de Governador Civil de Lisboa, o Dr. Osório Vaz. Era



SERVÍÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

bom senso e o espírito de justiça venham por fim a vencer».

tarde, o deputado Dr. Cutileiro Ferreira disse na Assembleia Nacional aguardar «*com jubilosa esperança*» a proposta de lei de imprensa. Considerou que Marcello Caetano era digno sucessor de Salazar «*aceitando eu — acrescentou — que tenha opções diferentes e soluções igualmente diferenciadas*».

13 de Dezembro — O Governo decide regularizar a situação dos emigrantes clandestinos.

Ao fim da tarde publicava-se o último boletim médico a reunir quatro nomes com que nos familiarizámos: Prof. Eduardo Coelho, Dr. Vasconcelos Marques, Prof. Almeida Lima, Dr. Miranda Rodrigues. Era, como de costume, referente ao estado do Presidente Salazar cujas melhoras se acentuavam em todos os sectores, embora lentamente.

Mas a recuperação era tão sensacional que dizia o Boletim médico — «*Salazar estabelece diálogo*». Previa-se que tivesse alta na próxima semana, para regressar a S. Bento.

14 de Dezembro — «*Templo de milagre e ruínas*» era o título dum artigo de Natércia Freire no *Diário de Notícias*.

15 de Dezembro — O Episcopado português publicou uma nota pastoral a propósito do *Dia da Paz*. Esclarece que paz não é pacifismo, pois que andamos empenhados a defender a justiça e a liberdade.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES



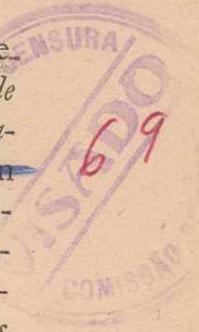
a amnésia de alguns e a má-fé de outros» pretendiam «abrir uma brecha que cedo pode transformar-se em verdadeiro fosso entre o estadista Salazar e o estadista Castano.» Em estilo tonitruante, o Senhor do Casal-Ribeiro insurgiu-se contra a expressão utilizada por uma alta individualidade de «política do alvorecer». «Será que até há dois meses atrás se viveu na escudrião? Será que só depois de 27 de Setembro passado se vislumbrou a claridade?» perguntou e não obteve resposta.

Obteve, sim, algumas interrupções e comentários que animaram essa tarde de Dezembro. Interrompeu-o o deputado Pereira da Cruz que quis que fosse precisada a alusão ao Nordeste Transmontano; comentou-o o Conselheiro Albino dos Reis que se afirmou desgostoso com a referência, pois que se tratava de alguém «incapaz de trair o regime que serve». Casal-Ribeiro que tinha achado primeiro que não valia a pena dizer de quem se tratava, acabou por falar e ficamos todos a saber que o visado era o Eng. Camilo de Mendonça e que o Conselheiro Albino dos Reis, por quem o nostálgico deputado declarou ter a maior consideração, se tinha enganado.

«Foi um momento de emoção» dizia o *Diário de Lisboa*. O deputado foi muito cumprimentado. O primeiro a abraçá-lo foi o Sr. Dr. Castro Fernandes».

19 de Dezembro — António Sérgio, gravemente doente, foi internado na Casa de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES



- 27 de Dezembro — «As Nações Unidas mergulham em total descrédito» revelou à Nação o Ministro dos Negócios Estrangeiros.
- 28 de Dezembro — Os Drs. Vasconcelos Marques, Miranda Rodrigues e o Prof. Almeida Lima deixam de fazer parte da equipe médica que assiste Salazar e foram, por tal facto, louvados pelo Ministros da Saúde. O Prof. Eduardo Coelho passou a assumir sozinho essa responsabilidade.
- 29 de Dezembro — Ao fim da tarde deste dia, algumas centenas de individualidades, entre as quais, o Chefe do Estado, reuniram-se em Ilgavo numa cerimónia político-religiosa em que foi descerrada uma estátua do Arcebispo D. Manuel Trindade Salgueiro, que ao Estado Novo prestou relevantes serviços.
- 30 de Dezembro — O Prof. Mário de Figueiredo, atingido por doença grave, foi internado na Casa de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa.
- 31 de Dezembro — Ministro Sá Viana Rebelo: «Os comandos todos os escalões das Forças Armadas mantêm-se atentos e vigilantes, acompanhando e observando, com frieza e sem emoção, certas propagandas e certas actividades indisciplinadas que por aí andam, e dispostos a garantir à Nação e aos que pela sua integridade constitucional lá longe se batem, a ordem e a paz social».
- De Espanha, chegam até nós neste fim do ano, palavras de Franco com louvores a Salazar e incitamentos a Marcelo Caetano.
- O estado de saúde de Salazar continua estacionário.

41

REPÚBLICA DE PORTUGAL
 (SÉDE)
 AUTORIZADO COM GORTES

Antonyaslo C
P. Curauy

«O TEMPO E O MODO» N.º 64
Provas enviadas a Censura em
... 3 de 2 de 1969.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

48

A situação política em Espanha

AMADEO COITO

Nota da Redacção — Amadeo Cuito, o autor do artigo que a seguir publicamos, é um conhecido monárquico espanhol que militou durante muitos anos nas hostes do franquismo, assumindo recentemente uma posição mais reservada. Embora o seu carácter moderado mas útil inscreve esta análise no momento em que a opção esteve as diversas opções monárquicas mais se acentua no país vizinho.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

O que se passará quando desaparecer o General Franco? Eis a questão que muitos espanhóis põem a si mesmos sem contudo, ainda hoje, a ela poderem responder claramente. Não menos perplexos estão os observadores estrangeiros e raros são os que se aventuram a profetizar. A situação política em Espanha é na verdade muito complexa. Estamos perante um país composto de vários povos: catalões, bascos, castelhanos, galegos, andaluzes, cada um com a sua cultura, as suas tradições políticas e as suas atitudes próprias, sobre o qual pesa ainda a recordação de uma guerra civil atroz que vive há cerca de trinta anos à margem da Europa, fora das grandes correntes da História como se estivesse imóvel, e em parte adormecido, numa semi-obscuridade. Durante muitos anos que não houve qualquer debate político sobre o passado, sobre o presente ou sobre o futuro. Contudo, já há algum tempo que a Espanha se agita. Agitação universitária, efervescência nos meios intelectuais, desolidarização do regime por parte de importantes sectores do mundo católico, preocupação no âmbito dos negócios em face do Mercado Comum, despertar do movimento operário.

Se a Espanha se agita é, primeiro, porque ela se modificou profundamente. É difícil resumir aqui, em poucas linhas, a amplitude e as características desta mudança. Limitar-nos-emos a recordar que o país, sobretudo no decorrer desta última década, sofreu profundas mutações nas suas estruturas económicas. O processo de industrialização, começado por volta dos anos cinquenta sob a

Estado não trouxe modificações substanciais no que se refere às liberdades públicas e o partido único, sob o nome de «Movimento», manteve-se. A centena de deputados eleitos foram no apenas pelos pais e mães de família e para ser candidato era necessário jurar fidelidade aos princípios do «Movimento». Recentemente uma reunião de uma vintena desses deputados foi proibida pelo ministro do Interior.

Apesar disso o regime continua afinadamente a fazer todos os esforços possíveis para oferecer uma imagem aparente mais «representativa», para fazer crer numa real «evolução democrática». A primeira vista pode ficar-se surpreendido com esta tentação que se desportiva de jogar à democracia depois de trinta anos de poder pessoal absoluto; mas, se se examinar atentamente a situação compreende-se o que não se trata duma mera tentação desportiva, mas antes de um duplo objectivo político.

Em primeiro lugar, para facilitar a negociação com a Europa «democrática» — negociação considerada absolutamente indispensável — e ao mesmo tempo mais conveniente e mais eficaz apresentar-se não como vencedores da guerra civil mas como representantes da vontade nacional. Por outro lado é absolutamente necessário dispor no interior de uma aparente «representatividade» que possa ser utilizada como base de evolução do poder quando vier a faltar a pessoa que o detém. A coincidência numa mesma pessoa do exercício e do fundamento do poder faz com que, se esta pessoa vier a desaparecer, a base em que repousa a continuidade do regime desapareça ao mesmo tempo. A fim de evitar este temível ruptura — de que a História nos oferece vários exemplos — não basta ater-se à vontade testamentária do ditador ou contar com as decisões circunstanciais do momento da crise e que podem ser inesperadas. É mais prudente preparar em vida do ditador a evolução encarada, aproveitando assim o suporte da sua vontade e dispondo, ao mesmo tempo, de uma certa base «representativa» que possa ser utilizada hábilmente para evitar a ruptura da continuidade.

Há, pois dois motivos, um orientado para o exterior, o outro para o interior, que explicam a razão por que o regime faz tantos esforços para fabricar para si uma nova face: a face «representativa». Contudo esta «representatividade» puramente simulada não tem significado algum quanto ao futuro político do país. Com efeito, as atitudes e as posições destes novos «representantes» perante o futuro e em particular perante o problema da sucessão não lhes foram ditadas pelos pais, mas pelo próprio poder. Estas posições políticas, e aqui a simulação atinge as raias da comédia, são também uma incógnita para os que terão de as apresentar aos pais quando o momento chegar. É deste modo

SERVICIOS DE CENSURA
AUTORIZADO COM
CORTE

SERVICIOS DE CENSURA
CORTADO

evidente que apesar da aparente ampliação da base do poder, a sua evolução continua a estar inteiramente submetida à vontade do General Franco. Se bem que neste domínio ele continue a dar provas de uma prudente reserva, não há dúvida de que prossegue o caminho para o fim que nos quer impor. Para detectar o sentido desta direcção, deliberadamente indefinida, devemos debruçar-nos sobre a maneira que ele tem de avançar, o que nos permitirá voltar aos acontecimentos mais significativos destes últimos anos.

Num primeiro tempo, em Dezembro de 1966, tivemos o referendo sobre a nova constituição que lhe serviu, entre outras coisas, para fechar brutalmente a porta do poder na cara de D. João. Com efeito, o mecanismo para a nomeação do sucessor previsto por esta constituição é-lhe muito desfavorável. Num segundo tempo assistimos à destituição não menos brutal de Munoz-Grandes com a qual Franco eliminava do governo o obstáculo mais importante — Munoz-Grandes é o número 2 do exército — de carácter anti-monárquico, anti Oçás-Dei e beneficiando de certas simpatias nos meios falangistas. A que conduziria este fechar-de-portas a D. João como possível sucessor e esta destituição de Munoz-Grandes? Sem margem para dúvidas, conduziria à consolidação da Opus-Dei no poder e, simultaneamente, à candidatura do filho de D. João, o príncipe João Carlos, como futuro rei. O segundo passo de esta direcção, encontramos-lo na nomeação do almirante Carrero Blanco para a Vice-presidência. Diz-se que tal medida foi motivada pelo alarme que procurou nas altas esferas um ataque que, durante algumas horas, deixou inconsciente o General Franco. É talvez verdade, mas é muito mais provável que este desfalecimento, verdadeiro ou inventado, tenha servido de justificação a uma decisão bastante arriscada: a substituição de Munoz-Grandes — um capitão-general — por Carrero Blanco — um almirante. A fulminante exoneraçã do primeiro e a sua substituição pelo segundo não podia deixar de fazer sensação no exército. O risco era inevitável se se queria fazer progredir a operação, porque a Opus-Dei não podia, e parece continuar a não poder, contar com uma personalidade militar mais prestigiosa que a de Carrero Blanco. Note-se, contudo, que o General Franco conduziu esta operação com tacto e sangue frio. Teria podido nomear directamente Carrero Blanco primeiro-ministro, mas era prudente uma etapa prévia na Vice-presidência. Esta solução tinha, além disso, a vantagem de não muito abertamente provocar o exército, permitindo-lhe habituar-se a Carrero Blanco como possível primeiro-ministro. Se o ressentimento no seio do exército tomasse uma forma activa, era ainda possível, deixar Carrero Blanco na Vice-presidência e nomear para a presidência do governo um militar pu uma personalidade que gozasse da confiança do exército. Encontramos uma outra prova da prudência com que é conduzida a operação na nomeação posterior de Munoz-Grandes para a Vice-presidência do Conselho do Reino. Esta teve por fim fechar

81

SERVICIOS DE CENSURA
AUTORIZADO

INVENTADO
Hes

84

cia-se incerta e tanto mais difícil quanto se desdobra num problema institucional. De há um tempo a esta parte a Opus-Dei, aliás, dá, quanto a esta matéria, provas de uma notável flexibilidade sobre que é conveniente determo-nos um instante. Com efeito, ela parece possuir as cartas de todo o jogo e ter uma equipa política de reserva para cada solução possível. Tanto assi, é que a operação D. João é hoje, em grande parte, dirigida pela Opus. Verificou-se, por exemplo, que foi um jovem notário de Saragoça, pertencente à Opus-Dei, quem organizou as conversações políticas que D. João manteve quando da sua recente viagem a Madrid. Uma ala mais liberal veio a constituir-se em torno do dois grandes quotidianos madrilenos «El Alcazar» e «Madrid» e não hesita em adotar posições claramente democráticas. A Opus, com efeito, deve ter em conta que o mundo católico espanhol está hoje em plena efervescência e que importantes sectores, entre os quais (e abertamente) os jesuítas, jogam a cartada democrática. Por outro lado, é-lhe também necessário prever ~~o~~ é um facto capital, que um poderoso movimento democrático, actualmente clandestino, de carácter laico e socialista não deixará de se reconstituir. Estes factores pesam já sobre a conjuntura política e sobre as previsões que se fazem no seio do poder. Não se pode, pois, afastar totalmente a possibilidade, sob a pressão das forças populares e da sua ala liberal, a Opus-Dei experimentar transformar-se num partido conservador que aceitaria democratizar a vida espanhola. Mas não avançemos no terreno das hipóteses, que fácil é qualificar de ilusórias.

De momento, como vimos, parece ser plano de Franco o consolidar a Opus tal como ela é hoje, no poder e preparar a restauração na pessoa de João Carlos, sem encarar quaisquer mudanças nem a mínima abertura democrática. Se o exército o aceita, este plano irá avante. É difícil pensar que o aceitará com entusiasmo, mas não é certo que tome a iniciativa de se opôr a esse plano. Para isso, precisaria encontrar apoios políticos junto das outras forças. A Falange e os «sindicatos» não hesitariam em dar-lhe o seu contributo, mas parece que o exército não as julga suficientes ou mesmo válidas. Tocamos aqui fundo o do enigma político espanhol. Qual será a atitude do exército? Este, ~~como~~ responsável pelo Estado, também mudou com o decorrer dos anos. A maioria dos chefes militares da época da guerra desapareceram ou estão retirados e as novas gerações de coronéis, e mesmo de generais, provém, na maior parte, de meios muito mais modestos que noutros tempos o que explica, em grande parte que a Opus-Dei e os monárquicos em geral não gozam de grandes simpatias junto deles. O sentimento mais difundido é o de que o exército deseja no fundo retirar-se da arena política. Não confirmou claramente esse desejo um dos seus chefes mais prestigiosos num discurso muito notado que pronunciou recente-

SERVIÇOS DE CENSURA
OPUS-DEI
ACEITADO

mente na Academia das Ciências morais e políticas? Mas retirar-se da arena política nas circunstâncias actuais e depois de ter sido, durante mais de trinta anos. O núcleo central é uma operação delicada e, em si mesma, eminentemente política. Poderá ele conduzir bem essa retirada? Será certo que a quer empreender? Não façamos hipóteses desta vez e limitemo-nos a constatar que a origem do regime é de ordem militar e que se o exército quer verdadeiramente dar provas de neutralidade, terá de assegurar, quando do desaparecimento do chefe do Estado e com a colaboração de todas as tendências políticas, a abertura de um período de transição no decorrer do qual seriam restabelecidas todas as liberdades públicas. Esta primeira etapa ceveria desembocar, lógicamente, numa etapa constituinte onde o povo espanhol podia, com toda a liberdade, adoptar o regime da sua escolha. Durante esta fase transitória as desordens e os excessos deveriam ser evitados e não é utópico acreditar que as forças democráticas saberiam obstar às manobras subversivas dos totalitários de direita ou de esquerda. Impôr a monarquia sem o conhecimento do país não seria dar provas de descomprometimentos político e traria para a cena uma velha querela que dividiu tradicionalmente os espanhóis e poderia ser motivo e justificação de novos excessos.

Não conjecturemos sobre o futuro, mas constatemos que a Espanha de fins de 1968 não é a de há trinta anos e que o regime actual é como um «jockey» que, deixou de escapar a montada que continuou a galopar. O regime que se substituirá ao presente terá em, primeiro lugar, de apanhar o cavalo para em seguida recuperar o atraso que tem sobre os outros cavalos europeus. De qualquer modo, o novo regime, e isto é um ponto fundamental, não poderá pretender oferecer garantias de estabilidade e de progresso se não for o produto directo da vontade nacional livremente expressa.

Tradução de Luis Filipe Sabino

85

SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA
AUTORIDADE DE PROTECÇÃO

ESTADO
COMISSÃO DE LICENÇA

SERVIÇOS DE CENSURA
ESTADO

5/2/59

Tempo e o Modo
quin

Leivadia Morais

«O TEMPO E O MODO» N.º 67

Provas enviadas à Censura em

7 de Fevereiro de 1969

OS DEZ MELHORES FILMES DE 1968

120
152

Nota da Redacção — Segue-se o já habitual inquérito junto de realizadores e críticos de cinema sobre os dez melhores filmes do ano transacto. Simplesmente, este ano o apuramento parece difícil já que alguns dos inquiridos — muito à *Cahiers, nouveau*

style — não quiseram saber de distribuidores, distribuídos, passados ou perpassados e ineicam os filmes que eles viram e nós não vimos, por que aí andaram as cá não vieram ou cá não pararam. Eis as respostas:

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
AUTORIZADO
COM
CORTE

ALBERTO SEIXAS SANTOS

- 1 *Platyne* (Jacques Tati)
- 2 *Laços eternos* (André Delvaux)
- 3 *O Charlatão* (Jerry Lewis)
- 4 *A Noiva Estava de Luto* (François Truffaut)
- 5 *As Donzelas de Rochefort* (Jacques Denny).
- 6 *Por Favor, Não me Mordas o Pescoço* (Roman Polanski).
- 7 *Blow-Up* (Michelangelo Antonini).

Nota: Em rigor, foi em Paris que vi os melhores filmes de 1968. Eles são, por um lado, *La Collectionneuse* (Rric Rohmer) cujo aparente classicismo desemboca em valores de uma modernidade cinematográfica e, por outro — exemplos de um corte radical com todo o cinema passado — os seguintes: *Persona* (Ingmar Bergman); *Week-End* (e todo o Godard posterior a *Pierrot le Fou*); *L'Homme au Crâne Rasé* (André Delvaux); *Brigitte et Brigitte* (Luc Moullet).

121
SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM

ALBERTO VAZ DA SILVA

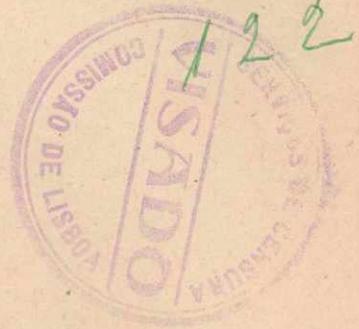
Todo o Orphée, de Jean Cocteau,
que vi em sonhos;
O Johnny Guitar do João Benar;
A sabedoria oriental feita das
demoiselles de Roche Rochefort;
Todos os Truffauts do mundo;
O começo de cada plan de
Samourai;
A sequência das ostras flamengas
e a morte de Anouk Aimé viva
em Un soir... un train...
O amor conjugal de Petúlia.

**ANTÓNIO PEDRO VASCON-
CELOS**

- 1 A
- 2 Noiva
- 3 Estava
- 4 De
- 5 Luto
- 6 Um
- 7 Filme

- 8 de
- 9 François
- 10 Tuffaut

Nota — Não inclui o filme de João César Santos sobre Sophia de Mello Breyner por não ter sido exibido em sessão comercial.



DUARTE NUNO SIMÕES

- 1 *A Noiva Estava de Luto.*
- 2 *Por Favor Não Me Mordas o Pescoço.*
- 3 *Blow-Up.*
- 4 *Elvira Madigan* (Bo Wideberg).
- 5 *O Faraó* (Jerry Kawalerowicz).
- 6 *O Charlatão.*
- 7 *A Queima-Roupa* (John Boorman).
- 8 *2001, Odisseia no Espaço* (Stanley Kubrick).
- 9 *Fahrenheit 451* (François Truffaut).
- 10 *Os Sete Samurais* (Akira Kurosawa).

Nota — Não viu *Laços Eternos* e *Petúlia*. Lamenta ainda ter sido privado de uma versão integral de *Elvira Madigan* e ter sido obrigado à visão da primeira e da última sequência de *2001, Odisseia no Espaço*.

EDUARDO PRADO COELHO

(por ordem alfabética): *Beira do Onico* uAs (Anthony Mann); *Bjow-Qpr Donzejas de Rochefort* uAs); *Paraó* uO); *Npiva Estava de Luto* (A); *Ofcio de Matar* (O) (Jean-Pierre Melville); *Petúlia* (Richard Lester); *Playtime*; *A Queima-Roupa*; *2001 Odisseia no Espaço*.

SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM
CORTES

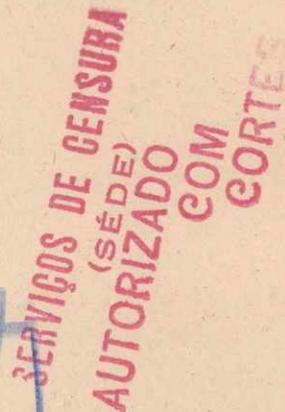
FERNANDO LOPES

- 1 *Beije de Jour* (Luis Bunuel), visto numa sessão para a Censura...
- 2 *Laços Eternos*; *Ôiroshima mon Amour* (Alain Resnais) visto numa sessão para Censura...; *Les Plus Eieux Métier du Monde* (Sketch de Godard), visto numa sessão para a Censura...; *O Charlatão*; *Blow-Up*; *As Donzelas de Rochefort*; *A Noiva Estava de Luto*; *Chuka* (Gordon Douglas); *A Queima-Roupa*.



FERNANDO MATOS SILVA

- 1 *Laços Eternos*
- 2 *O Charlatão*.
- 3 *A Noiva Estava de Luto*.
- 4 *A Queima-Roupa*
- 5 *Chuka*
- 6 *2001: Odisseia no Espaço*.
- 7 *Playtime*.
- 8 *Blow Up*.



GERARD CASTELO LOPES

- 1 *Belle de Jour* (Luís Bunuel).
- 2 *Persona* (Ilgmar Bergman).
Prima della Rivoluzione (Bernardo Bertolucci); *L'Homme au Crâne Rasé* (André Delvaux); *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (Glauber Rocha); *La Chinoise* (Jean-Luc Godard); *Week-End* (Jean-Luc Godard); *La Religieuse* (Jacques Rivette); *Baisers Volés* (François Truffaut); *Seduto alla sua Destra* (Valerio Zurlini).

Nota — Foram estes os filmes mais importantes que viu em 1968, embora nenhum deles em Portugal.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

- 1 *Johnny Guitar* (Nicolas Ray).
- 2 *As Donzelas de Rochefort*.
- 3 *Laços Eternos*.
- 4 *A Noiva Estava de Luto*.
- 5 *Fahrenheit 451*.
- 6 *O Perfume do Dinheiro* (Joseph L. Maniewicz).
- 7 *Playtime*.
- 8 *A Condessa de Hong Kong* (Charlie Chaplin).
- 9 *Por Favor não me Mordas o Pescoço*.
- 10 *Uma Aventura a Quatro* (Alain Jessua).

Nota — Não vi o filme de Jerry Lewis. O filme de Jessua é outra história que fica para depois. E a quem objectar que Johnny Guitar foi uma reposição, digo que não me abjectem com objecções dessas.

JOÃO CÉEAR SANTOS

- 1 *Playtime*.
- 2 *Laços Eternos*.
- 3 *O Charlatão*.

Nota — Excepção feita aos três filmes que incluiu na sua lista, os restantes que este ano viu em Portugal não lhe interessam a ponta de um corno. Moral da lista: cada vez gosta mais de menos filmes.

JOÃO PAES

(Por ordem alfabética): *Blow-Up*; *Laços Eternos*; *Noiva Estava de Luto (A)*; *Perfume do Dinheiro (O)*; *Poé Favor não me Mordas*



JOSÉ VIEIRA MARQUES

- 1 *Laços Eternos.*
- 2 *A Noiva Estava de Luto.*
- 3 *Blow-Up.*
- 4 *A Queima-Roupa.*
- 5 *Por Favor não me Mordas o Pescoço.*
- 6 *Playtime.*
- 7 *Fahrenheit 451.*
- 8 *O Perfume do Dinheiro.*
- 9 *Elvira Madigan* (Versão original).
- 10 *2001 Odisseia no Espaço.*

LAURO ANTÓNIO

(Por ordem alfabética): *Blow-Up*; *Charlatão (O)*; *Condessa de Hong Kong (A)*; *Faraó (O)*; *Laços Eternos*; *Perfume do Dinheiro (O)*; *Petúlia*; *Queima-Roupa (A)*; *2001 Odisseia no Espaço.*

Nota — Não incluiu *Kuaidan* e os *Sete Samurais* por se rem estreado ainda em 1967.

MANUEL MACHADO DA LUZ

(Por ordem alfabética): *Blow-Up*; *Charlatão (O)*; *Condessa de Hong Kong (A)*; *Kuaidan Kobayashi*; *Noiva Estava de Luto (A)*; *Perfume do Dinheiro (O)*; *Sete Samurais (Os)*; *Todas as Noites as Nove* (Jack Clayton); *2001 Odisseia no Espaço*;

Nota — Não considerou *Elvira Madigan*, dadas as profundas lacunas existentes na versão apresentada (= x — 16 mm).

SERVIÇOS DE GENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTE

PAULO ROCHA

Nota — 1968 foi em Portugal um ano de cinematográficas vacas magras. Assim sendo, nenhum dos filmes exibidos lhe parece reunir as qualidades suficientes para figurar numa lista deste tipo.

SIDÓNIO PAIS

- 1 *Por Favor não me Mordas o Pescoço; Blow-Up.*
- 2 *Laços Eternos.*
- 3 *Fahrenheit 451; Elvira Madigan.*
- 4 *A Condessa de Hong-Kong; Play-Time; O Estrangeiro.*

Nota — Os dois filmes que faltam sairiam, provávelmente, dos seguintes que não vi: *O Charlatão, A Noiva Estava de Luto, As Donzelas de Rochefort, O Perfume do Dinheiro.*

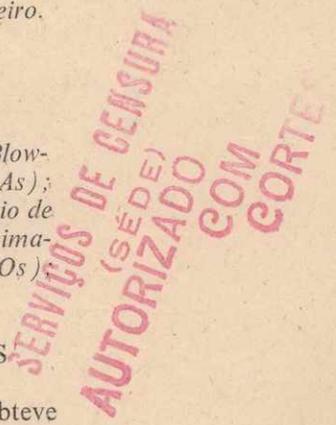
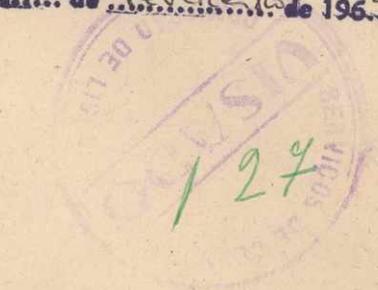
VÍTOR SILVA TAVARES

(Por ordem alfabética): *Blow-Up; Donzelas de Rochefort (As); Kwaidan; Laços Eternos; Ofício de Matar; Petúlia; Playtime; Queima-Roupa (A); Sete Samurais (Os); 2001, Odisseia no Espaço.*

ALGUMAS CONCLUSOES

Este ano nenhum filme obteve unanimidade, mesmo considerando que com o estrangeirismo de Gérard Castelo Lopes e o absentismo de Paulo Rocha, esta se teria que resumir a 18 votos. Não se chegou lá, nem de longe.

O filme com mais votos teve 13 e foi *La Mariée était en Noir* (A Noiva Estava de Luto) de François Truffaut. Mesmo assim, para esses 13,

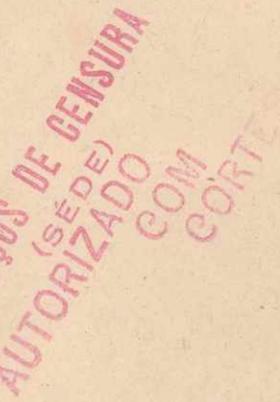


tivemos que admitir que a ele se referia Alberto Vaz da Silva quando fala de «todos os Truffauts do mundo». O que parece, pelo menos, lógico.

Se Sidónio Paes declara não ter visto este filme, quatro depoimentos omitem-nos, cremos, em conhecimento de causa: os de João César Santos, José Augusto França, Lauro António e Vitor Silva Tavares.

Logo a seguir vem 3 filmes com igual pontuação: 12 votos. São eles: *Blow-Up* de Michelangelo Antonioni (não citado por Alberto Vaz da Silva, António-Pedro Vasconcelos, João Bernard da Costa, Jorge Silva Melo, José Vaz Pereira e João César Santos); *Un soir... un train...* (Laços Eternos) de André Delvaux (não citado por António-Pedro Vasconcelos, Duarte Nuno Simões, Eduardo Prado Coelho, José-Augusto França, José Vaz Pereira e Manuel Machado da Luz) e *Playtime* de Jacques Tati (não citado por Alberto Vaz da Silva, António-Pedro Vasconcelos, Duarte Nuno Simões, Fernando Lopes, João Paes e Manuel Machado da Luz). Segue-se com 10 votos *Pont Blank* (A Queima-Roupa) de John Boorman.

Mais nenhum filme reuniu maioria. 9 votos foram para 2001: *A Space Odyssey* (2001: Odisseia no Espaço) de Starley Krubrick; 8 para *Teh Big Mouth* (*O Charlatão*) de Jerry Lewis e *Les Demoiselles de Rocheort* (*As Donzelas de Rochefort*) de Jacques Deny; 7 para *Fahrenheit 451* de François Trufaut e (*Por Favor não me Mordas o Pescoço*) de Roman Polanski; 6 votos foram para *The Taste of Money* (*O Perfume do Dinheiro*) de Joseph L. Maukiewicz e *Petúlia* de Richard Lester; 5 para *The Countess from Hong Kong* (*A Condessa de Hong Kong*) de Charlie Chaplin; 4 para *Elvira Madigan* de Bo Widerberge; *Os Sete Xamurais*



O SENHOR QUE NOS FAZ
MORRER

Ihrem Ende eilen sie zu,
die so stark im Bestehen sich wahren
Farsu cham 'ich mich, mit ihnen zu
schaffen;
Zur leckenden Lohe mich wieder zu
xqndeln
Spur 'ich lockende Lust
Sie aufzuzehren, die einst mich
gdzahmt
Statt mit den Blinden blod' zu
vergehn
and waren es gottlichst Gotter

Para o seu fim vão correndo
os que em sua Força tão fortes se
creêm
Alguma vergonha tenho de entre eles
me contar;
grande é o meu desejo de retomar
a forma das chamadas agitadas
de consumir os que me domaram
em vez de morrer estupidamente como
tais cegos
mesmo que esses sejam os maiores
dos Deuses

WAGHER, Das Rheingild
(fala de Loge)

Na véspera de partir para Princeton, onde ia decorrer o seminário de que a seguir falarei, assisti em Nova Iorque a uma representação do *Ouro do Reno* na versão inadjectivável de Herbert Von Karajan. Do cosmos lírico ficou-me, julgo, bastante que importa. E à luz interpretei muito do que se passou: daí a razão da epigrafe, Loge, Wotan, Donner, Froh, Alberich, Mime reencontrados. Nem sequer forço: as intenções de Wagner não eram muito diferentes das que são minhas e o mundo visado na tetralogia não é muito diferente do mundo que lá mais claramente vi.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

2. Temos pois que a seguir a essa noite do prólogo, parti para Princeton. A cidade imita Oxford; a sala onde decorreram as sessões (o Whig Hall da Universidade de Princeton) imitava um templo grego; a pousada onde se comia e dormia imitava um hotel suíço; o seminário imitou um vasto equitativo dialogante congresso; os participantes imitaram-se razoavelmente uns aos outros e às personagens que era suposto representarem o tema, finalmente, (*Os Estados Unidos, seus problemas, sua idade e seu impacto no mundo*) imitou, com bastante semelhança, o que o mais pessimista dos marxistas podia supor da capacidade do doente ou contagiado se auto-diagnosticar.

Tudo souu a falso desde o início, com tal talento dissimulador. Começa-se pela lista das presenças: fora do «establishment» estavam anunciados, entre outros, Saul Bellow, Anatoly Gromiko (filho do outro), Stanislav Menshikov (Diretor do Instituto de Economia de Moscovo), Djilas, ele próprio, mais alguns jugoslavos e romenos. Não apareceram. Estavam, sim, muitas celebridades estabelecidas: George Ball, Daniel Bell, Mc George Bundy, Galbraith, George Kennan, Schlesinger, Edward Shills, etc., entre os americanos; dos estrangeiros mais conhecidos Pierre Emmanuel, Alan Bullock, Andreas Papandreou, Tierno Galvan, Iven Svitak, filósofo checo. Tudo, sob a batuta de M. Jean Jacques Servan-Schreiber, que durante cinco dias caminhou ostensivamente ao encontro da grande oportunidade publicitária que lhe fora dada, fotografando-se com celebridades, não dizendo nem de mais (comum é o nosso sangue) nem de menos (eu que os americanos desafiei) e assumindo do humanismo e boas maneiras gaulesas o suficiente para impressionar os donos da casa com uma suite de secretárias a que



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

qualquer dos três Kennedys chamaria um figo.

O esquema previa quatro temas: Os problemas internos dos Estados Unidos; A Sociedade Post Industrial; Os Estados Unidos como poder global: ilusões e realidades; Os Estados Unidos e o Futuro Cultural do Mundo. Além disso, havia aperitivos antes do almoço e do jantar e digestivos depois deste. Os primeiros constavam de cocktails (todas as bebidas e todos os encontros); os segundos, de palestras. Foi, nessa qualidade que ouvi a 1 de Dezembro Servan-Schreiber resumir o seu livro e as propostas para o bom futuro da ocidental civilização neo neo neo; a 2, George Kennan, ex-embaixador na U. R. S. S. investir a «alienação dos negros», os excessos dos jovens («in its terrifying wilderness of drugs, pornography and political hysteria»), a destruição e poluição dos recursos naturais, os «advertisers» e solicitar a escatologia possível na pessoa do Presidente eleito Richard Nixon («Você já ouviu falar de Freud?» perguntou-lhe no fim a escritora Lilian Hellman que com alguns bons apartes animou a sessão; «O futuro da humanidade não pode depender só de Nixon» disse-lhe Stanley Hoffman, Professor de Havard); a 3 de Dezembro, falou um checo infeliz a quem já nesse tarde Servan-Schreiber enfiara uma farpa ao perguntar-lhe se, a ter que optar, preferiria viver na U. R. S. S. ou nos U. S. A. para o ouvir balbuciar que escolhia as maiúsculas mais breves. A noite, disse tais coisas que cheguei a recear (se todos fossem assim) ter que vir a brehjnevicconverter-me. A 4, houve trombetas e ainda mais operadores de televisão (normalmente empatavam com os participantes a 100-100) para anunciar Kiessinger, ainda pintado



COMISSÃO DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

de fresco, (fora designado a 2. Muito político, não disse nada e pôs-se generosamente à disposição dos circunstâncias para ouvir sugestões. Ouviu, agradeceu, e não foi contar a Nixon nada com que este se incomodasse. A 5, já eu ia a caminho de S. Francisco, onde encontrei gente diferente.

Quanto ao resto, parece que era intenção dos organizadores (e daí a escolha das datas) que no intervalo entre duas administrações, este seminário servisse de balanço do passado e conselho para o futuro. Do balanço, houve algumas análises com elementos de interesse (Galbraith, Schlesinger disseram o que já se calculava que dissessem) e sobretudo uma geral intenção de não esgravatar de mais nas feridas infectadas. Todos disseram que alguma coisa estava podre no reino da Dinamarca, mas ninguém parecia (ou podia) suspeitar da extensão da podridão; do conselho houve de tudo; até quem, como notava o *Newsweek* (e citava Schlesinger) passasse o tempo das sessões a passar moradas da agenda de 68 para a de 69.

Por mim, ouvi com razoável atenção o que tinham a pedir ao novo soberano os súbditos pobres e havia-os gregos, espanhóis, ganenses, ugandenses, indianos, indonésios, tailandeses, argentinos, chilenos e venezuelanos. Os sul-americanos foram (à excepção de Papandreou que quis até saber de George Ball o que ele sabia do golfe de Atenas) os mais recalcitrantes. Mas não ultrapassaram os limites do que diria Juscelino Kubitchek se lá estivesse. Ou seja, queixaram-se dos Costas e dos Silvas que os donos lhes mandam, e pediram gente mais tratável. Os mais surpreendentes foram os asiáticos que com os indianos à frente se mostraram inquietos do que aconteceria às



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

58



«O TEMPO E O MODO» N.º 67

Provas enviadas à Censura em
13 de 2 de 1969.

159

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

cabeças e fazendas que possuem, se os americanos saíssem do Vietnam, se outros Vietnams aparecessem lá pelos sítios, se... Pediram westmorelands, more west e more lands.

É certo que houve em Princeton gente menos lúgubre; é certo que um tal Martin Peretz, sociólogo de Harvard e um dirigente negro Roy Innis disseram (mais o primeiro que o segundo) coisas bastante sérias, embora rapidamente esquecidas ou absorvidas pela unidimensionalidade geral; é certo ainda que nas conversas de corredores houve oportunidade para falar a sério.

ideia dominante que fica deste seminário: uma geral impotência para se compreender para onde se vai e uma geral desistência a favor (e regresso a Wagner) do anel que o nibelungo ainda exhibe.

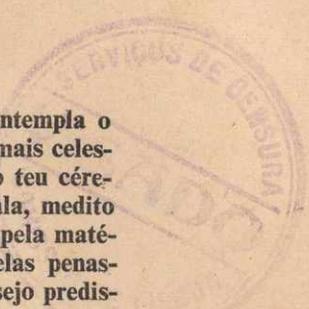
3. Meditando sobre a morte de Isabel de Portugal, o Duque de Gândia diz num poema de Sophia de Mello Breyner Andersen «Nunca mais servirei senhor que possa morrer». A geral impressão colhida em Princeton era a de que quase todos, americanos ou não, tinham jurado nunca mais servir senhor que os faça viver. E esse foi o único apontamento que tirei durante as sessões de Princeton.

Por isso foi iludida a única questão central destes dias e deste tema, que Norman Mailer formulou nas seguintes palavras escritas: «Can she, poor giant, tormented lovely girl, deliver a babe of a neá world brave and tender, artful and wild?» Do pobre gigante, da atormentada donzela, ficou talvez apenas destes dias a visão amável. Mas Mailer também escreveu que os sonhos de amor são promessa de sono.

J. B. C.

mastros, vê se vê tuz terra terrestre entre o estrume e os astros, contempla o poder do lume nos teus espelhos sem face, escuta a música das esferas mais celestes despertando nas pastagens mais geladas, descobre-se nos cantos do teu cérebro súbito revelado; olho a pacífica dança do incenso subindo nesta sala, medito na resistência da matéria à matéria, encho-me de amor pela matéria e pela matéria das palavras, pelo dom da linguagem, pelo fogo-de-artifício e pelas penas-de pavão com que se enfeita a nossa viva viajante caminhada, pelo desejo predisposto a tudo ter e a apetecente do projecto e duro sobressalto: and it' s all over now, babyblue; talvez os deuses andem perto do artifício extremo, perto da glória mais-que-imprudente e -que-perfeita, perto do mundo aberto ao sabor de viver, perto das grutas mais profundas onde se desenrola o tema imenso; amor da carne, amor do calor do corpo, amor do cultobscuro de que és o centro e o todo, amor do mudo e de tudo que é a favor da vida e do amor, assim terminamos a viagem, quando nos deitamos e amamos e eu escrevo estas palavras e beijo a minha pequena aconhesa antes de adormecer também.

Na noite seguinte embarcamos para a 6.^a viagem, sempre juntos, viagem rotinocturna, olhando na televisão um futebol tornado fascinante pelo uso de óculos vermelhos que tornam vermelha toda a visão do mundo, olhando depois um policial insuportavelmente (as palavras patas pegam-se) intercalado de constante publicidade que é o melhor de tudo (segundo McLuhan) e em que se descobre agora o jogo sujo dos actores, produtores, directores, vendedores: em que pensas quando pensas em? a bela gente à minha volta anima-se, apaixonadamente desentendo o que conversam, reparo que nenhuma rapariga usa unhas compridas, alguém diz: se a tua tia tivesse rodas, era bicicleta; desjulgo tudo o que dizem para estar só atento ao dizer, às bocas que se abrem e fecham; mais um publicitário que parece rir-se de si mesmo, depois é a convencional sessão de tribunal, final feliz do filme, o serviço-secreto elogiado, os fanáticos criminosos condenados; beijámo-nos, só os beijos humedecem bem a boca, não a água ou o vinho; realizo quanto estou contente, olh' os livros na estante, literalínguas, léguas de letras suspensas; conto uma estória para me entreter; o meu povo habitava o deserto e sofria de fome e vil miséria, mas eis que o dito estica, a ditamole engole, alegriaalegria, os sinos anunciam, o meu povo respira, o deserto será cidade um dia, nova vida, morra o vinho velho, o meu povo regressa do exílio, está contente como a aguardente, terminou a tormenta, cantemos ao senhor dos muitafitos para que saibamos encontrar szinhos nosso novo caminho, avancemos-avante, o meu povo festeja, bebeu pela rápida deterioração da dita e do seu cristo-na-terra torto como um saco-rolhas; arrisco-me a olhar não já na passiva superfície do espelho mas nos ardentes olhos dela; decide-se a fabricar o fermento dos dias em que escrevo; a sala fede a fumo, começo a estar farto disto, vou beber um grande copo de leite com gemada e rum dentro, tenho fome, como um pouco de queijocreme que tiro do frigorífico, Tina chega só agora vestindo uma saia de índia Navaja, até aos pés, enorme e vermelha, plissada e estampada de flores pequenas; digo-lhe que estou farto destas rotiviagens, que talvez vá regressar; ela ri-se, diz: és a serp8 t suspensa sobre o paraíso, precisas estar vizinho precisas estar vizinho ao coração sombrio, ao lugar onde a vida crer erde como vinhavirgem; grito: fumadores, sonhadores, homens de todo o mundo,



SERVIÇOS DE CENSURA
 (SÉDE)
 AUTORIZADO
 COM
 CORTES

uni-vos e sereis mais fortes que os cretinos; tenho dito.

No dia seguinte embarcamos ainda na última viagem, sinto que me aproximo do fim e do início, mas fomos para o parque, as árvores dançavam como gente, o gato passava uma carícia entre as nossas pernas, faz ruídos esquisitos quando respira, há um pequeno fogo dentro dele, a máquina do sangue, o forno crematório, um sugadouro que o destrói aos poucos, receio que morra de um momento ao outro; quando dou uma olhada reparo que olhar é uma festa, tudo é lindo-de-bonito, medito' divagações belíddimzd mas inteiramente indecisas entre a profusão de vias a seguir, a cabeça abre-se em leque, explode docemente para todos os lados, como o sol, é bom; agarro possíveis títulos de livros pelo umbigo, bem por dentro, comidos pelos ouvidos, anunciação de enigmas impossíveis; o gato torna-se importantíssimo quando o pomos entre nós e com ele brincamos, suave e agressivo como fera felina, passeando a sua majestade frente aos nossos olhos que encontram os dele, os quais rebrilham; o gato torna-se erótico entre nós, o gato brinca com as ervas, ele e ela são iguais porque estão vivos e respiram; propostas de prazer abrem-se aos dedos sobre tudo que tocam ou manejam, o papel mesmo é cúmplice e fraterno, atento e tão disperso aos sinais que a caneta deixa nele, letras, sons que a voz um dia há-de dizer, ou disse, ou diz neste momento para dentro, quando o silêncio fora as torna transparentes; sons de gelo e de cristal violento, cândidas cores que se revelam; sob o signo das cores escreve e perturbo o fluir das esferas, parece-me que toda a inteligência vem sobre mim súbitamente; iluminantes coisas convulsivas e vivas só por serem, crispação da matéria muito presente aos olhos que a aceitam; lembramentos, deslumbramentos, velozes pensamentos de profundo poder; perseguição das formas mais atentas, vermelha vértebra do corpo do poema; prateleira, prato, promessa para os sons de peso-pedra, estou pedrado, penso; regressamos a casa quando começa a chover, fico escutando a chuva durante quanto tempo? atardece de repente, altura clara o leve do poente, repetição de novo renovada do texto outrora dito, antes do nascimento; ela é sagitário e eu sou touro, ambos animais de patas postas sobre o peso da terra, voamos contudo às vezes, como agora que entrego a minha mão ao teu sombrio ventre e dou a minha boca aos teus cabelos, escrevo para ti de noite no livro do teu corpo, descompreendo o sentido do tempo, misaprendo o silêncio que te nasce dos dedos ,deitados no sofá da sala lado a lado e festejando a nossa filosofia da beleza; o dístico na parede diz:

dem
asiadosex
ofazavistacurta
plantamaufê
meaflor

AFONSO FERNANDES

102

«O TEMPO E O MODO» N.º 67

Provas enviadas à Censura em

27 de 3 de 196..9



ANTOLOGIA

Textos de Rosa Luxemburgo

«...a compreensão pela massa das suas tarefas e meios é para a actividade socialista uma condição histórica indispensável, do mesmo modo que a inconsciência da massa foi outrora a condição da acção das classes dominantes.

Por isso, a oposição entre os «chefes» e a maioria que «trotam atrás deles» acha-se abolida e a relação entre a massa e os chefes invertida. O único papel dos pretensos «dirigentes» da social-democracia consiste em esclarecer a massa sobre a sua missão histórica. A autoridade e a influência dos «chefes» na democracia socialista só podem aumentar proporcionalmente ao trabalho de educação que eles realizarem nesse sentido. Por outras palavras, o seu prestígio e a sua influência só podem aumentar na medida em que os chefes destruírem o que foi até aqui a base de toda a função dos dirigentes — a cegueira da massa — na medida em que eles se despojarem a si mesmos da sua qualidade de chefes, na medida em que fizeram da massa a dirigente, e de eles próprios os órgãos executivos da acção consciente da massa».

(Do artigo publicado na *Neue Zeit*, ano XII-1903, 1904-n.º 2 sob o título «Esperanças desiludidas», e traduzido em francês para uma brochura dos cadernos Spartacus sob o título *Massa e chefes*)

«...Considera-se a massa como uma criança a educar, a quem não se deve dizer tudo, a quem, no seu próprio interesse, se tem mesmo o direito de dissimular a verdade, enquanto os «chefes», homens de Estado consumados, modelam essa mole argila para erigir o templo do futuro segundo os seus próprios e grandiosos projectos. Tudo isso constitui a ética tanto dos partidos burgueses como do socialismo reformista, por mais diferentes que possam ser as intenções de uns e de outro»

(idem)

«Sem dúvida que não existe outro partido para quem a crítica livre e incansável dos seus próprios defeitos seja, como para a social-democracia, uma condição de existência. Como devemos progredir ao ritmo da evolução social, a modificação contínua dos nossos métodos de luta e, por consequência,

COMISSÃO DE CENSURA (SEDE) CORTADO

a crítica incessante do nosso património teórico são as condições do nosso crescimento. Mas é evidente qque a auto-crítica na nossa organização sóconseguirá atingir o seu objectivo de servir o progresso, se se mover na direcção da nossa luta. Toda a crítica que contribua a tornar mais vigorosa e consciente a luta de classes para a realização do nosso objectivo final merece a nossa gratidão. Mas uma crítica que tenda a fazer retroceder o nosso movimento, a fazê-lo adandonar a luta de classes e o objectivo final, uma tal crítica, longe de ser um factor de progresso, mais não seria do que um fermento de decomposição».

(Dum artigo publicado no *Leipziger Volkszeitung*, em Setembro de 1899 e traduzido em francês para a brochura já citada sob o título «Liberdade da crítica e da ciência»)

«Por maior que seja a nossa necessidade de autocrítica e por mais largos que sejam os limites que lhe tracemos, deve, no entanto, existir um mínimo de princípios que constituam a nossa própria *essência* e a nossa própria *existência*, o fundamento da nossa cooperação enquanto membros de uma organização. Nas nossas próprias fileiras, a «liberdade de crítica» não pode aplicar-se a esses princípios pouco numerosos e muito gerais, justamente porque eles são a condição prévia de toda a actividade *dentro da organização*, e também, por consequência, de toda a crítica exercida em relação a essa actividade. Não temos que tapar os ouvidos quando esses princípios são criticados por alguém que se encontra fora da organização. Mas enquanto os considerarmos como o fundamento da nossa existência enquanto partido, devemos permanecer ligados a eles e não os deixar abalar pelos nossos membros. Neste ponto, só podemos conceder uma liberdade :a de pertencer ou não pertencer à nossa organização».

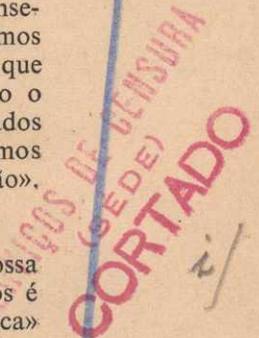
(idem)

«Assim a liberdade de crítica encontra os seus limites prsticos na nossa própria essência enquanto partido político. Aquilo que constitui o que nós é mais específico — a luta de classes—, não poderá ser objecto duma «livre crítica» na organização. Não podemos suicidar-nos em nome da liberdade de crítica»

(idem)

«O blanquismo não tinha em vista a acção imediata da classe operária e podia, pois, dispensar-se de organizar as massas. Mais: como as massas populares só deviam entrar em cena no momento da revolução, enquanto a obra de preparação só dizia respeito ao pequeno grupo armado para o golpe de força, o próprio êxito da conspiração exigia que os iniciados se mantivessem à distância da massa popular. Mas isso era possível e realizável porque não existia nenhum contacto íntimo entre a actividade conspiradora duma organização blanquista e a vida quotidiana das massas populares...

...Radicalmente diferentes são as condições de actividade da social-democracia. Ela surge historicamente da luta de classes elementar. E move-se na contradição dialéctica de não ser senão no decurso da luta que o exército do proletariado se recruta e toma consciência dos objectivos dessa luta. A organização, os progressos da consciência e o combate não são fases particulares, separadas no tempo mecânicamente, como no movimento blanquista, mas, pelo contrário, aspestos diversos dum só e mesmo processo. Por um lado, fora dos princípios



gerais da luta, não existe uma tática já elaborada em todos os seus pormenores e que uma Comissão Central pudesse ensinar às suas tropas como numa caserna. Por outro lado, as peripécias da luta, no decurso da qual se cria a organização, determinam flutuações incessantes na esfera de influência da organização socialista.

Daqui resulta que o centralismo social-democrático não deve fundar-se nem na cega obediência, nem na subordinação mecânica dos militantes em relação ao centro da organização. Por outro lado, não pode haver compartimentos estanques entre o núcleo proletário consciente, sólidamente enquadrado na organização, e as camadas mais extensas do proletariado, já treinadas na luta de classes e nas quais a consciência de classe se eleva cada dia mais. O estabelecimento do centralismo sobre estes dois princípios — cega subordinação de todas as organizações, mesmo no mínimo pormenor em relação ao centro, que é o único a pensar, trabalhar e decidir por todos, e rigorosa separação do núcleo organizado em relação ao ambiente revolucionário, como o pretende Lénine, parece-nos pois uma transposição mecânica dos princípios de organização blanquista de círculos de conjurados para o movimento socialista das massas operárias.

...Na realidade, a social-democracia não está ligada à organização da classe operária, ela é o *movimento próprio* da classe operária. É preciso, pois, que o centralismo da social-democracia seja de uma natureza essencialmente diferente do centralismo blanquista. Deve ser, por assim dizer, um «auto-centralismo» da camada dirigente do proletariado, o reino da maioria no interior da sua própria organização».

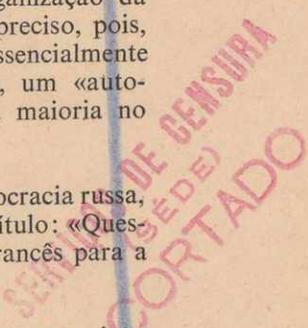
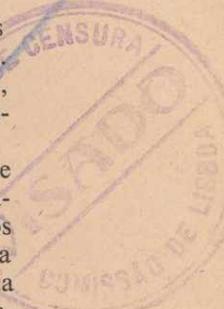
(Dum artigo publicado em 1904 no *Inska*, órgão da social-democracia russa, e no *Neue Zeit*, revista teórica da social-democracia alemã, sob o título: «Questões de organização da social-democracia russa»; traduzido em francês para a brochura já citada, sob o título «Centralismo e democracia»).

«Por isso, mais chotante ainda se torna ver Lénine professor a opinião contrária. Lénine está persuadido de que já existem na Rússia todas as condições prévias para a constituição dum partido operário poderoso e fortemente centralizado. E se, num ímpeto de optimismo, ele proclama que presentemente «já não é o proletariado, mas certos intelectuais da nossa organização que carecem de auto-educação quanto ao espírito de organização e de disciplina» e se ele glorifica a acção educadora da fábrica que habita o proletariado à «disciplina e organização», tudo isto só vem provar umavez mais a sua concepção demasiado mecânica da organização socialista.

A disciplina que Lénine tem em vista é inculcada ao proletariado não só pela fábrica, mas também pela caserna e pelo burocratismo actual, numa palavra, por todo o mecanismo do Estado burguês centralizado...

...Que podem ter de comum a docilidade bem regulada de uma classe oprimida e o levantamento organizado de uma classe a lutar pela sua emancipação integral?

Não é partindo da disciplina imposta pelo Estado capitalista ao proletariado (depois de se ter simplesmente substituído a autoridade da burguesia pela de uma Comissão sentral socialista), mas sim extirpando até à última raiz esses



hábitos de obediência e de servilidade, que a classe operária poderá adquirir o sentido de uma disciplina nova, da auto-disciplina livremente consentida da social-democracia»
(idem)

«Além disso, daqui resulta igualmente que o centralismo no sentido socialista não deverá ser uma concepção absoluta, aplicável a qualquer fase do movimento operário, mas deverá ser antes considerado como uma *tendência* que se torna uma realidade à medida que se processa o desenvolvimento e a educação política das massas operárias no decurso da sua luta»
(idem)

Início — FERREIRA

«Parece-nos no entanto que seria um grande erro que se poderia substituir «provisoriamente» o domínio ainda irrealizável da maioria dos operários conscientes da nossa organização pelo poder absoluto de uma Comissão Central que agisse de algum modo por «delegação» tácita, e substituir o controle público exercido pelas massas operárias sobre os órgãos da organização pelo controle inverso da Comissão Central sobre a actividade do proletariado revolucionário»
(idem)

«As mais importantes e mais fecundas mudanças de tática dos últimos dez anos não foram invenção de alguns dirigentes e muito menos de órgãos centrais, mas foram sempre e o produto espontâneo do movimento em efervescência...

...Nas suas grandes linhas, a tática de luta da social democracia não se «inventa»; ela é o resultado duma série ininterrupta de grandes actos criadores da luta de classes, muitas vezes espontânea, que procura o seu caminho»
(idem)

«O inconsciente precede o consciente e a lógica do processo histórico objectivo precede a lógica subjectiva dos seus protagonistas. O papel dos órgãos directores do Partido socialista reveste numa larga medida um carácter conservador: como o demonstra a experiência, sempre que o movimento operário conquista um novo terreno, estes órgãos trabalham-no aos seus limites extremos, mas transformam-no ao mesmo tempo num bastião contra progressos ulteriores de mais vasta envergadura».
(idem)

«Mas ao conceder-se ao órgão director da organização poderes tão absolutos de carácter *negativo*, como o quer Lénine, mais não se faz do que reforçar até a um grau muito perigoso o conservadorismo inerente àquele órgão. Se a tática da organização não é atribuição da Comissão Central mas do conjunto organização ou — melhor ainda — do conjunto do movimento operário, é evidente que é necessária às secções e federações aquela liberdade de acção que será a única maneira de permitir que se utilizem todos os recursos de uma situação e que se desenvolva a sua iniciativa revolucionária. O ultra-centralismo



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

defendido por Lênine aparece-nos como que impregnado, não de um espírito positivo e criador, mas do espírito estéril do vigilante da noite. Todo o seu cuidado tende a *controlar* a actividade da organização e não a fecundá-la, a reduzir o movimento mais do que a desenvolvê-lo, a jugulá-lo e não unificá-lo.

(idem)

«Neste desejo receoso de estabelecer a tutela de uma Comissão Central omnisciente e onipotente para preservar de alguns passos em falso um movimento operário tão prometedor e tão cheio de seiva, julgamos discernir os sintomas desse mesmo *subjectivismo* que já foi por mais de uma vez porjudicial

(*zftis* que a história faz executar ao respeitável «sujeito» humano na sua própria actividade histórica. Esmagado e quase reduzido a pó pelo absolutismo russo, o *eu* tira a sua desforra ao sentar-se no trono do pensamento revolucionário e ao proclamar-se todo poderoso — sob a forma de um comité de conjurados, em nome de uma inexistente «Vontade do Povo»... (1)

...Enfim, vemos aparecer em cena um filho ainda mais «legítimo» do processo:

...Enfim, vemos aparecer em cena um filho ainda mais (legítimo) do processo: o movimento operário russo, pela primeira vez na história russa, lança com êxito as bases da formação duma verdadeira vontade popular. Mas ei que o *eu* do revolucionário russo se põe a fazer piruetas sobre a sua própria cabeça e, uma vez mais, se proclama dirigente todo-poderoso da história, desta vez na pessoa de Sua Alteza a Comissão Central do movimento operário social-democrata. O hábil acrobata nem sequer se apercebe de que o único «sujeito» a quem hoje incumbe o papel de dirigente é o «eu» colectivo da classe operária, que reclama resolutamente o direito de cometer ela própria os seus erros e de aprender ela própria a dialéctica da história. E enfim, digamo-lo sem rodeios, os erros cometidos por um movimento mais fecundo se mais pressem rodeios cnetidos por um movimento operário verdadeiramente revolucionário são historicamente infinitamente mais fecundos e mais preciosos do que a infabilidade da melhor «Comissão Central»

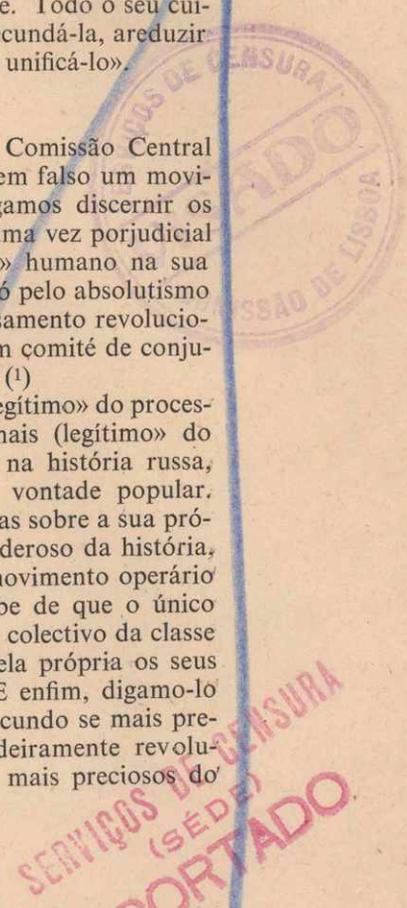
(idem)

«Se a Revolução russa (1) algo nos ensina, é antes de mais que a greve de massas não é nem «feita» artificialmente, nem «decidida» ou «propagada» no vácuo, mas que é um fenómeno histórico que se produz num determinado momento por uma necessidade histórica resultante de condições sociais.

Não é, pois, ao nível das especulações abstratas sobre a possibilidade ou impossibilidade, utilidade ou perigo da greve de massas, ou ao nível da sua apreciação subjectiva sob o ponto de vista do que é desejável, que o problema deve ser encarado e discutido; mas sim ao nível do estudo dos momentos e das condições sociais em que a greve de massas surge na fase actual da luta classes de e ao nível do *exame objectivo* da origem da greve de massas na perspectiva do que é historicamente necessário»

(«Greve de massas, partido e sindicatos, tradução francesa, ed. Maspero, p. 25-26).

«...para que o absolutismo seja derrubado, é preciso que a futura Rússia burguesa se constitua na sua essência interna, na sua definição de classe moderna.



É preciso que se definam as diversas camadas e interesses sociais, que se formem, fora do partido revolucionário proletário, os partidos liberal, radical-pequeno-burguês, conservador e reaccionário; é preciso que também nas classes burguesas se forme a ideia e o conhecimento de si mesmas, a sua consciência de classe. Mas também estas, é apenas na luta, no desenvolvimento da própria Revolução, à escola viva dos acontecimentos, no choque com o proletariado e entre, elas, num constante roçar-se recíproco que podem formar-se e atingir a maturidade. Esta divisão e esta maturação de classes na sociedade burguesa, assim como a sua acção no combate contra o absolutismo, dependem do papel dirigente do proletariado e da sua acção de classe, que, por um lado, entrava e dificulta a acção das outras classes, e por outro lado, a estimula e acelera. As diversas correntes subterrâneas da marcha da Revolução cruzam-se, obstruem-se aumentam as contradições internas da Revolução, e em suma, precipitam — e nessa medida não fazem senão intensificá-las as poderosas explosões».

(idem, p. 40)

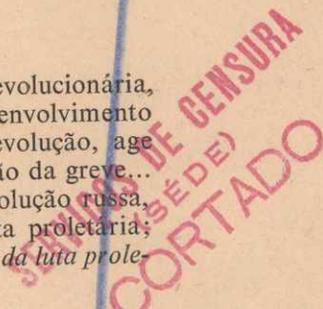
«A greve de massas não é senão a forma revestida pela luta revolucionária, e toda a modificação nas relações das forças em combate, no desenvolvimento do Partido, na separação das classes e na posição da contra-revolução, age imediatamente por mil vias invisíveis e incontroláveis sobre a acção da greve... Numa palavra, a greve de massas, tal como no-la mostra a Revolução russa, não é um engenhoso meio inventado para dar mais força à luta proletária; é o modo de movimento da massa proletária, a forma de manifestação da luta proletária na Revolução»

(idem, p. 52)

«É absolutamente contrário aos factos imaginar-se a greve de massas como um acto, uma acção particular. Ela é, pelo contrário, o carácter, o resumo de todo um período de luta de classes que enche anos, talvez mesmo dezenas de anos. No número infinito de greves de massa que se realizaram na Rússia nos últimos quatro anos, o esquema da greve de massas considerada como um acto único, curto, provocado e exedutado segundo plano e método, só se aplica exclusivamente a um género, e secundário: a greve de pura demonstração política»

(idem, p. 52)

«Mas se, em vez desta categoria secundária, das greves de demonstração



política, tomarmos em consideração a greve de combate, manifestação específica da acção proletária, o que em primeiro lugar nos saltar aos olhos é a impossibilidade de nela separarmos o elemento económico do elemento político. Também aqui, a realidade afasta-se consideravelmente do esquema teórico, e a concepção pedante que faz derivar lógicamente a greve de massas puramente política da greve geral sindical, como o grau mais perfeito e mais elevado desta, é refutada a fundo pela experiência da Revolução russa».

(idem, p. 54)

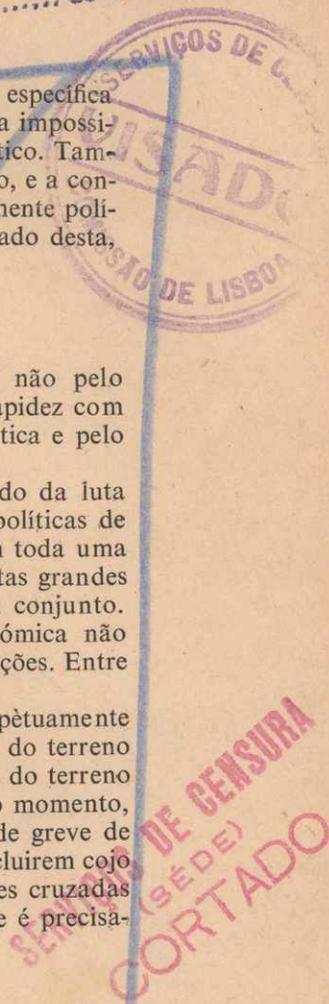
«O progresso do movimento no seu conjunto manifesta-se, não pelo desaparecimento do estágio económico do início, mas antes pela rapidez com que é percorrida a escala de graus que conduz à manifestação política e pelo ponto extremo que a greve de massas atinge.

Aliás, o movimento de conjunto não vai unicamente no sentido da luta política: faz-se também no sentido inverso. Cada uma das acções políticas de massa, uma vez atingido o seu ponto culminante, transforma-se em toda uma série de greves económicas. Z isto aplica-se não só a cada uma destas grandes greves de massa em particular, mas também à Revolução no seu conjunto. Durante a extensão e intensificação da luta política, a luta económica não recusa, mas alarga-se, organiza-se e intensifica-se nas mesmas proporções. Entre as duas, existe uma acção recíproca completa...

...Numa palavra, a luta económica é o elemento que conduz perpétuamente de um nó político a outro, a luta política é a fecundação periódica do terreno de um nó político a outro, a luta política é a fecundação periódica do terreno para a luta económica. Causa e efeito permutam de lugar a todo o momento, e assim o elemento económico e o elemento político no período de greve de massas, bem longe de se distinguirem claramente ou mesmo de se excluírem coo o quer o pedantismo esquemático, não constituem senão duas faces cruzadas da luta de classes proletária na Rússia. E o que lhes dá a unidade é precisamente a greve de massas».

(idem, p. 55-56)

«Enfim, os acontecimentos da Rússia mostram-nos a greve de massas inseparável da Revolução. A história da greve de massas na Rússia é a história da Revolução russa. De facto, quando os representantes do nosso oportunismo alemão ouvem falar de Revolução, pensam imediatamente em efusões de sangue, batalhas nas ruas, pólvora e chumbo, e a sua conclusão lógica é: a greve de massas conduz inevitavelmente à Revolução, logo, não podemos colaorar em tal. Na verdade, vemos que quase todas as greves de massa na Rússia levam a um recontro com os guardas armados da ordem tsarista; nisto as greves ditas políticas são totalmente semelhantes às maiores lutas económicas. Mas a Revolução é qualquer coisa de diferente, qualquer coisa mais do que a efusão de sangue. Ao contrário da concepção policial, que considera a Revolução exclusivamente do ponto de vista das perturbações da rua e dos motins, quer dizer, do ponto de vista da «desordem», o socialismo vê antes de mais na Revolução uma profunda transformação interior nas relações sociais das classes»



(idem, p. 56)

«...na realidade não é a greve de massas que produz a Revolução, é a Revolução que produz a greve de massas».

(idem, p. 57)

«Basta resumir o que precede, para se chegar igualmente a uma conclusão sobre a questão da direcção consciente e da iniciativa na greve de massas. Se esta não se reveste do significado de um acto isolado, mas do de todo um período de luta de classes, e se este período é idêntico a um período revolucionário, é bem evidente que a greve de massas não pode ser pré-fabricada, mesmo que a dedição provenha da autoridade mais alta do partido socialista mais forte»

(idem, p. 57-58)

«O elemento espontâneo assume um grande papel em todas as greves de massa da Rússia, quer como elemento de impulso, quer como elemento de suspensão. Isso não se deve ao facto de a social-democracia na Rússia ser ainda jovem e fraca, mas ao facto de em cada acção particular da luta interverem uma tal infinidade de elementos económicos, políticos e sociais, gerais e locais, materiais e psicológicos, que nenhuma das greves se pode definir e desenvolver como um exemplo aritmético...

...Numa palavra, se o elemento espontâneo assume um papel tão preponderante nas greves de massa da Rússia, não é porque o proletariado russo se encontra «insuficientemente educado», mas porque as revoluções não se deixam dirigir como por um mestre de escola»

(idem, p. 59)

«Em vez de se preocupar com o lado técnico e com o mecanismo da greve, o socialismo é chamado no período revolucionário a tomar a sua direcção política. A tarefa mais importante de «direcção» no período de greve geral consiste em dar à batalha a sua palavra de ordem, a sua tendência, em regular a tática da luta política de maneira a que em todas as fases e em todos os momentos se realize e se ponha em actividade a soma integral de poder de que dispõe o proletariado e de forma a que a tática do socialismo não se encontre nunca, no que diz respeito a decisão e a precisão, abaixo do nível de relações de força existente na realidade mas que, pelo contrário, ultrapasse esse nível».

(idem, p. 60)

«Por outro lado, os sindicatos, do mesmo modo que todas as outras organizações de luta do proletariado, não podem manter-se e durar senão na luta, e por isto não deve entender-se a guerra dos ratos e das rãs nas águas pantanosas do período parlamentar burguês, mas períodos de lutas de massa, violentas e revolucionárias. A concepção fixista, burocrática e mecânica quer que a luta seja somente um produto da organização a um certo nível da sua força. A evolução dialéctica viva, ao invés, faz nascer a organização como um produto da luta»

SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO
DE LISBOA
SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

(idem, p. 70)

«Se a greve, ou melhor, as greves de massa e a luta de massas devem conduzir a um resultado, é preciso que se tornem um verdadeiro *movimento popular*, por outras palavras, que arrastem na luta as mais extensas camadas do proletariado. Mesmo na forma parlamentar, o poder de luta da classe operária não repousa no pequenonúcleo organizado, mas na vasta periferia que o rodeia do proletariado animado pelo sentimento revolucionário... Toda a verdadeira grande luta de classes deve repousar no apoio e colaboração das massas mais extensas, e uma estratégia da luta de classes que não contasse com esta colaboração, mas fosse feita unicamente à medida das marchas bem exedutadas da pequena parte do proletariado arregimentado, seria votada desde logo a um completo fiasco»

(idem, p. 71-72)

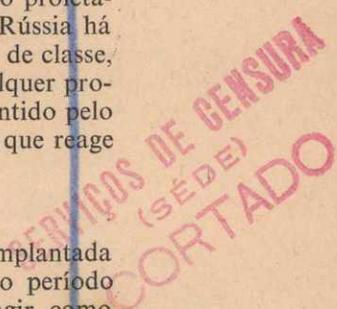
«Vimos que na Rússia, de há dois anos para cá, o mínimo conflito parcial dos operários com o patronato, a mínima brutalidade local dos órgãos governamentais pode dar origem imediatamente a uma grande acção geral do proletariado. Cada qual o vê e se aperdebe disso naturalmente porque na Rússia há «a Revolução». Mas que quer isso dizer? Que dizer que o sentimento de classe, o instinto de classe, é de tal modo vivo no proletariado russo que qualquer problema parcial que interesse um pequeno grupo de operários é logo sentido pelo proletariado como um problema geral, como um problema de classe que reage imediatamente sobre o conjunto».

(idem, p. 72)

«No operário alemão esclarecido, a consciência de classe implantada pela democracia-socialista é uma consciência *teórica latente* que, no período do domínio do parlamentarismo burguês, geralmente não pode agir como acção directa de massa e se converte na soma ideal das quatrocentas acções paralelas de cunscrições durante a luta eleitoral, das numerosas lutas económicas parciais, etc. Na Revolução, em que é a própria massa que aparece na cena política, a consciência de classe é *prática e activa*. Assim um ano de Revolução deu ao proletariado russo «a educação» que trinta anos de luta parlamentar e sindical não podem dar ao proletariado alemão»

(idem, p. 73)

«O partido socialista é a guarda-avançada mais esclarecida e mais consciente do proletariado. Não pode nem deve esperar como um fatalista, de braços cruzados, a vinda da «situação revolucionária», esperar que este movimento popular espontâneo caía do céu. Pelo contrário, o seu dever é como sempre colocar-se à frente da evolução das coisas e procurar precipitá-la. Mas como poderá fazê-lo? Não, atirando ao ar, na hora oportuna ou não, súbitamente, a «palavra de ordem» de uma greve de massas; mas antes de mais fazendo compreender às camadas mais extensas do proletariado a vinda inevitável desse período revolucionário, as condições sociais internas que a ele conduzem, e as suas consequências políticas. Se essas massas proletárias devem ser



110

ganhas para uma acção de massa do socialismo e se vice-versa o socialismo deve num movimento de massa tomar e guardar a direcção real, governar todo o movimento no *sentido político*, é preciso que saiba claramente e com espírito de decisão fornecer ao proletariado da Alemanha no período de lutas a vir a sua *táctic e o seu objectivo*.»

(idem, p. 74)

«Nas resoluções burguesas anteriores, em que eram os partidos burgueses que forneciam a educação e a direcção política das massas revolucionárias e em que se tratava de operar o simples derrube do antigo governo, o combate de barricadas de curta duração era a forma apropriada da luta revolucionária. Hoje que a classe operária deve esclarecer-se, unir-se e dirigir-se a si mesma no decurso da luta revolucionária, hoje que a Revolução, por seu lado, é dirigida tanto contra a exploração capitalista como contra o antigo Estado, a greve de massas aparece como o meio natural de recrutar, revolucionar na própria acção as camadas mais extensas do proletariado, ao mesmo tempo que é um meio de minar e abater o antigo Estado e de obstar à exploração capitalista.»

(idem, p. 76)

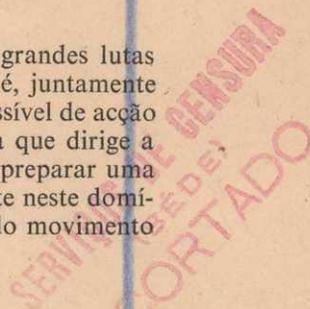
«A mais importante das condições exigidas no período de grandes lutas que virá mais cedo ou mais tarde para a classe operária alemã, é, juntamente com a plena decisão e coerência da táctica, a maior capacidade possível de acção e em consequência a maior unidade possível no núcleo socialista que dirige a massa proletária. No entanto, as primeiras fracas tentativas para preparar uma acção de massas mais considerável revelaram já um mal importante neste domínio: a divisão, a separação completa entre as duas organizações do movimento operário — a democracia-socialista e os sindicatos.»

(idem, p. 83)

«...a divisão entre luta política e luta económica e a sua separação mais não é do que um produto artificial, ainda que historicamente explicável, do período parlamentar. Por um lado, na marcha tranquila, «normal» da sociedade burguesa, a luta económica é dispersada e retalhada numa multitude de lutas parciais em cada empresa, em cada ramo da produção. Por outro lado, a luta política não é conduzida pela própria massa numa acção directa, mas de acordo com as formas do Estado burguês, por via representativa, pela pressão operada sobre os corpos legislativos. Uma vez aberto um período de lutas revolucionárias, quer dizer, uma vez a massa presente no campo de batalha, cessam tanto a dispersão da luta económica como a forma indirecta parlamentar da luta política: numa acção revolucionária de massas, a luta política e a luta económica são uma só luta, e o limite artificial traçado entre os indicado e o Partido socialista como entre duas formas separadas e completamente distintas do movimento operário é simplesmente apagado»

(idem, p. 84)

«Não há duas lutas diferentes da classe operária, uma económica e outra política; há *uma só luta de classes*, que visa simultaneamente a limitar a exploração capitalista no seio da sociedade burguesa e a suprimir a exploração capi-



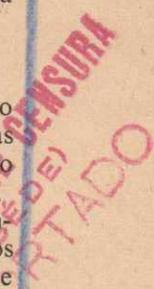
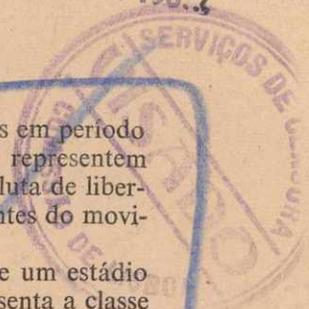
talista e a sociedade burguesa. Se estas duas fases da luta de classes em período parlamentar se separam por razões técnicas, não quer dizer que representem duas acções paralelas, mas sim somente duas fases, dois graus da luta de libertação da classe operária. A luta sindical abraça os interesses presentes do movimento operário, a luta socialista os seus interesses futuros...

...Os sindicatos representam apenas os interesses de grupos e um estágio de desenvolvimento do movimento operário. O sindicalismo representa a classe operária e os interesses da sua emancipação no seu conjunto. A relação dos sindicatos com o Partido socialista é, por consequência, a de uma parte avotodo...»
(idem, p. 84-85)

«Mas a luta parlamentar, complementar da luta sindical, é, tal como esta, uma luta conduzida exclusivamente no terreno da ordem social burguesa. Ela é por natureza um trabalho de reformas políticas, tal como a luta sindical é um trabalho de reformas económicas... Não é mais do que uma fase, um degrau no conjunto da luta de classes proletária, cujo objectivo final ultrapassa tanto a luta parlamentar como a luta sindical. O Partido socialista é hoje precisamente o ponto de encontro da luta parlamentar e da luta sindical, numa luta de classes que visa a destruição da ordem social burguesa».
(idem, p. 85)

«A conclusão mais importante... é esta: a *unidade* completa do movimento operário sindical e socialista, absolutamente necessária para as futuras lutas massa da Alemanha, já se encontra realizada e incarna-se na vasta multidão que forma ao mesmo tempo a base do Partido socialista e a base dos sindicatos, e na consciência com que as duas faces do movimento se encontram confundidas numa unidade mental. A pretendida oposição entre Partido e sindicatos reduz-se neste quadro a uma oposição entre o Partido e um certo grupo de funcionários sindicais, que é ao mesmo tempo uma oposição no seio dos sindicatos entre este grupo e a massa dos proletários sindicalmente organizados»
(idem, p. 90-91)

«Não é em cima, ao nível das organizações e da sua união federativa, mas embaixo, na massa proletária organizada, que reside a garantia para a unidade real do movimento operário. Na consciência de um milhão de sindicalizados, Partido e sindicatos não são mais do que uma só coisa, a saber, a luta socialista, sob diversas formas, pela emancipação. E daí resulta naturalmente, para suprimir os choques que se produziram entre o Partido socialista e uma parte dos sindicatos, a necessidade de adoptar as suas relações recíprocas à consciência da massa proletária, quer dizer, de ligar de novo os sindicatos à democracia-socialista. Isto mais não é do que afirmar a síntese da evolução que, da incorporação primitiva dos sindicatos, conduziu à sua separação da democracia-socialista, para preparar em seguida, através de um período de forte crescimento tanto dos sindicatos como do Partido, o período futuro das grandes lutas proletárias de massa, e fazer, por consequência, da reunião do Partido e dos sindicatos no interesse comum, uma necessidade»
(idem, p. 95)



Provas enviadas à Censura em

27 de 3 de 1961



(1) O pequeno grupo de conjurados que, de 1879 a 1883, combateu o tsarismo por uma série de atentados e conseguiu matar Alexandre II (em Março de 1881) chamava-se «o partido da Vontade do Povo».

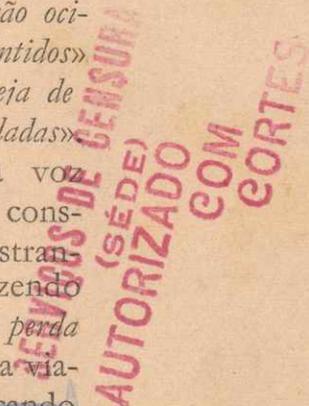
(2) Trata-se da revolução russa de 1905. A «Greve de massas, partido e sindicatos» foi escrita em 1906. — (N. do T.)

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Filme dos acontecimentos PORTUGAL

1 de Janeiro a
10 de Fevereiro de 1969

1 de Janeiro — O Chefe do Estado dirigiu a sua tradicional mensagem de Ano Novo aos Portugueses. Disse que *«não deixou saudades o ano que findou quer no plano nacional, quer no plano internacional»*, já que *«a civilização ocidental tem cedido terreno em todos os sentidos»* e advertiu que *«até as colunas da Igreja de Cristo estão sendo perigosamente abaladas»*. Mais adiante lamentou que a sua voz nenhum eco tenha despertado na consciência dos povos e governantes estrangeiros. Fez o elogio de Salazar dizendo que a sua inutilização foi *«uma grave perda nacional»*. Aludiu demoradamente à sua viagem à Guiné e Cabo Verde, explicando que só não visitou a ilha de Santa Luzia *«não por ser a mais pequena mas por continuar desabitada»*. Terminou o Chefe do Estado com esperanças num futuro melhor dizendo que essa prece *«é ao mesmo tempo um grito da minha alma dolorida»*.



Comitatus
parte



As Forças Armadas estiveram este ano — pela primeira vez — representadas nas visitas de cumprimentos de Ano Novo ao Chefe do Estado.

2 de Janeiro — A Capital dirigiu um inquérito intitulado «Que espera do Ano Novo? Responderam o Prof. Marcello Caetano, os Ministros Vaz Pinto, Sá Viana Rebelo, Gonçalves Rapazote, Almeida e Costa, Dias Rosas, Bettencourt Rodrigues, Manuel Crespo, Franco Nogueira, Rui Sanches, Silva Cunha, José Saraiva, Correia de Oliveira, Gonçalves de Proença e Lopo Concela de Abru e os advogados oposicionistas Drs. Acácio de Gouveia, António de Macedo, Alçada Baptista, Teófilo Carvalho dos Santos e Abranches Ferrão.

«Espero que os portugueses sejam compreensivos» disse o Presidente do Conselho. «Que se aperfeiçoem para dar o salto na década de 70», disse o Ministro de Estado; já para o Ministro da Defesa «o ano de 1969 não será muito diferente do de 1968»; o Ministro do Interior falou, naturalmente, das eleições, tema a que havia de voltar copiosamente, esperando que «o acto eleitoral dê ao Governo o estímulo e a solidariedade dos eleitores de todo o espaço português». O Ministro das Finanças falou das favoráveis con-

Valido

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTES

Provas enviadas à Censura em
27 de 3 de 1967



dições que Portugal oferece ao investimento dos capitais estrangeiros; O Ministro Correia de Oliveira disse: «*ter a esperança de que o Dr. Salazar ganhe tanta saúde que lhe permita a alegria de nos ver cada um em seu mister*»; o Ministro da Saúde desejou, bem dentro dos problemas da sua pasta, «*saúde para todos os portugueses*».

Quanto ao Dr. Abranches Ferrão introduziu uma distinção entre o que espera e o que deseja afirmando calar o que deseja e esperar «*um recenseamento eleitoral sério*».

3 de Janeiro — O *Século* inseria na primeira página uma caricatura do Prof. Marcello Caetano em que este empurra penosamente uma enorme pedra chamada rotina. Por baixo a seguinte legenda: «A pedra já andou um bocadinho mas preciso de uma ajuda maior para nos vermos livres dela». Sobre a espécie de ajuda a caricatura era omissa.

Entram em vigor novas regras de trânsito que dão prioridade à direita, e é instituída a pensão de sobrevivência para os ferroviários, ultimamente em certa efervescência.

4 de Janeiro — Foram reabertas a cantina, e secções de folhas, papelaria, técnica, social, bem como

SERVIÇO DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES



*Desmontado
o caixão*

e na capacidade para o mal. Mas, de toda a maneira, a tradição, são elas que a asseguram.

Se no fluir da história as sociedades conservam traços constantes de estrutura e feições essenciais de espírito, a elas, sobretudo, se deve.

Se as mulheres se insurgem contra uma ordem estabelecida, se todo o elemento feminino é conquistado por uma revolução de ideias, de conceitos morais, de costumes, a subversão é inevitável.»

5 de Janeiro — Mantêm-se as melhoras do Presidente Salazar, que perfez, neste dia, quatro meses de internamento.

6 de Janeiro — O Chefe do Estado condecorou com a Ordem de Cristo, o Dr. Vasconcellos Marques, o neurocirurgião que operou Salazar e com a ordem de Sant'Iago da Espanha o popular actor Humberto Madeira.

7 de Janeiro — Na secção 24 horas *O Século* falava de «Tempo de Boatos».

Reabriu a Assembleia Nacional. O Deputado Dr. Fernando de Matos citou Maomé II «*A aranha fabricou a sua teia na habitação do rei: e, assim, a nocturna coruja piou sobre os terraços de Afrasiab*» Veio esta erudita glosa a propósito do exemplo de

Válida

**Serviço de Censura
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES**



Bizâncio, «já que estamos cercados e penetrados de inimigos». E — dizia o articulista de O Século — «numa síntese de inspiração clássica, proclamou dirigindo-se ao regime: «Ser e não ser, não pode ser».

Além de Maomé II, o Dr. Fernando Matos, ainda seguido o mesmo jornal, citou Boris Pasternack, Teixeira de Pascoaes, Garrett, Spinoza, Cícero, Aristides, Voltaire e Leibnitz.

Nesse mesmo dia, reuniu-se o primeiro Conselho de Ministros de 1968 que decidiu sustar a alarmante tendência para a alta de preços.

8 de Janeiro — O Presidente do Conselho dirige aos portugueses pela rádio e pela TV a primeira dessa série de comunicações que significativamente intitulou «Conversas em família». Versou sobre problemas económicos. Toda a imprensa se lhe referiu com o maior destaque, salientando o estilo directo, acessível e colonial do Primeiro Ministro.

9 de Janeiro — Os jornais noticiam que na noite do fim do ano se verificou uma vigília de carácter tendencioso na Igreja de S. Domingos. A esse propósito, foi distribuída uma nota da vigararia geral do Patriarcado. Diz o Vigário: *que se contestou a Nota Pastoral*

SERVIÇO DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTE



do Episcopado no Dia da Paz por nela se não condenar a política ultramarina do Governo Português». Segundo a nota estariam presentes na manifestação várias dezenas de pessoas e lamentava-se que aparecessem «comprometidos com ela alguns membros do Clero». Falava-se ainda do «clima de confusão, indisciplina e revolta».

10 de Janeiro — Reuniu-se pela primeira vez o plenário executivo da União Nacional.

Dando posse ao novo Governador de Faro, o Ministro do Interior referiu-se, a propósito das operações de recenseamento «a tutelas escusadas» Haviam sido nomeadas comissões pelos Governos Civis de Lisboa e Porto, mas não era certamente a estas que se referia o Dr. Gonçalves Rapazote, na sua alusão.

Augusto Abelairé passava a ser Director da *Seara Nova*, substituindo nesse cargo Rogério Fernandes.

11 de Janeiro — O Conselho Superior da Defesa Nacional reuniu-se em Belém, sob a presidência do Chefe do Estado.

12 de Janeiro — Meio milhão de contos para Angola — novo empréstimo autorizado pelo Ministro

SERVÍÇOS DE CENSURA
(SÉ DE)
AUTORIZADO
COM
CORTE

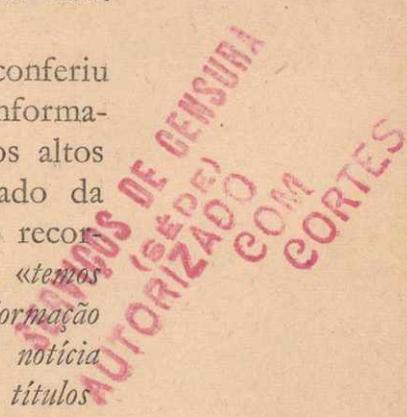
do Ultramar.

13 de Janeiro — Salazar continua a melhorar.

14 de Janeiro — Começou na Assembleia Nacional o debate sobre a expansão da língua portuguesa. Discursou o Dr. Veiga de Macedo que homenageou Salazar e Mário de Figueiredo: *«Dois jovens estudantes, dois mestres da cátedra, dois políticos, dois presidentes, dois estilos e... no mesmo sítio... dois leitos de dor».*

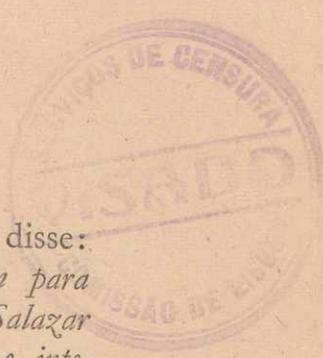
15 de Janeiro — O Dr. César Moreira Baptista conferiu posse ao novo Director Geral da Informação Dr. Clemente Rogeiro e outros altos funcionários da Secretaria de Estado da Informação e Turismo. Nesse acto recordou que *«estamos em guerra»* e que *«temos que nos opôr, na rectaguarda, a uma informação tendenciosa».* Citou as *«guerrilhas da notícia que se infiltra, da crónica insidiosa, dos títulos e subtítulos, da instituição permanente e pertinax de doutrinas que desarmam a força moral, subvertem valores essenciais e aniquilam as vontades».*

16 de Janeiro — Nova intervenção do Senhor Casal-Ribeiro na Assembleia Nacional. Vituperou desta feita a vigília de S. Domingos que aproxi-



mou do caso do Padre Felicidade e disse: «E assim como elementos sem coragem para o fazerem atacam e condenam a obra de Salazar — poupando contudo — e por enquanto — a figura humana e intellectual do Chefe incontestado da coevolução Namascarado as suas intenções, abandonando o seu apostolado, procuram fugir à superior orientação dos seus bispos, poupando, por vezes, o Santo Padre, para interpretarem à sua maneira a participação que entendem dever ter na vida nacional».

Seguidamente apostrofou os «imbecis» e os «vendidos» tranquilizando, contudo os seus colegas ao dizer-lhes que não pretendia «que se armassem com varapaus, foices e caçadeiras para dar caça aos lobos que desceram ao povoado, deixando atraz de si o resto da sua ferocidade. O Senhor Casal Ribeiro precisou ainda que não fazia estas intervenções (que, notava o cronista de *O Século*, são as que mais fazem afluir curiosos e ouvintes) nem por «exibicionism mórbido» o nem «para gerar a confusão política» nem para «defender interesses de terceiros» nem para «vivificar algum grupelho a que pertença», nem por «despeito, afastado como foi do executivo do organismo político do governo». Sim, para salvar Portugal, e «para salvar a verdadeira doutrina de Deus».



17 de Janeiro — Mudou o estilo perguntava *A Capital* a propósito do discurso do Dr. César Moreira Baptista. E contrapunha a almejada «esperança do alvorecer de uma nova primavera» ao receio «do crepúsculo melancólico de um triste outono».

18 de Janeiro — O Presidente Salazar recebe visitas, ainda que com pouca demora.

19 de Janeiro — O Metropolitano e a Carris entram em conflito.

«O «Cabo Não» que existia antes do Ministério das Corporações transformou-se, para bem de todos, no «Cabo Sim» disse o Chefe do Estado durante uma visita presidencial ao Porto.

20 de Janeiro — O diferendo Carris-Metropolitano alarma o público de Lisboa, titula *O Século* que noticia ainda que «uma intervenção do Ministro das Comunicações impediu a Carris de consumir os seus propósitos».

É assinado mais um acordo entre Portugal e a África do Sul.

21 de Janeiro — Aumenta o preço da carne.

Vários deputados requereram que fosse



submetido para aprovação à Assembleia Nacional o Decreto-Lei n.º 48 757 que concedia determinadas facilidades à Siderurgia Nacional.

22 de Janeiro — O Governador Civil do Porto deferiu o requerimento para uma sessão a realizar no dia 31 de Janeiro naquela cidade, no Coliseu. Presidirá o Coronel Helder Ribeiro.

A Assembleia Geral da Soponata elegeu para seu Presidente do Conselho de Administração, o Dr. José Soares da Fonseca.

23 de Janeiro — Um novo Governador Civil tomou posse. Dr. Manuel de Ascensão Azevedo, nomeado para Castelo Branco. Na cerimónia, o Ministro do Interior afirmou que *«as nossas estruturas políticas não consentem partidos»* e que o *«Governo deseja uma Assembleia que lhe assegure a solidariedade da Nação»*. Falou da *«patologia do sufrágio»* e garantiu que o Governo não se subordinará *«à ditadura de qualquer maioria»*.

24 de Janeiro — O Presidente do Conselho reuniu-se com os deputados, em sessão de carácter privado.

«Um país sem siderurgia, não é um país»

Debatido
em sessão
privada

PROVINCIA DE CENSURA
(SÉ DE)
AUTORIZADO COM
CORTES



~~é uma boria» disse na Assembleia Nacional o antigo Ministro, Dr. Ulisses Cortês, numa das sínteses lapidares, a que há muito S.^a Ex.^a nos habituou.~~

25 de Janeiro — Morreu António Sérgio.

26 de Janeiro — Milhares de pessoas estiveram presentes no enterro de António Sérgio. No final deram-se alguns incidentes e a Polícia interveio.

27 de Janeiro — Carta pastoral do Cardeal Patriarca ao Clero de Lisboa. Falando do «caso de Belém» Sua Eminência citou-lhe a «repercussão e valor de símbolo». Referiu-se ainda a «clima de confusão e desto dentro da igreja e crêdia seu respeito».

28 de Janeiro — O Ministro da Defesa empossou o Presidente da Comissão Directiva dos Serviços Sociais das Forças Armadas. «Rudo o que se faça para facilitar a vida da família militar tem de ser feito, nesta época em que ela é dura e incómoda e para nela manter também o clima de progresso social ainda há pouco tempo reafirmado pelo Presidente do Conselho, Sr. Prof. Marcello Caetano», disse o Ministro. cello Caetano», disse o Ministro.

SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES



Na Assembleia Nacional continuava com muita vivacidade o debate sobre a Siderurgia. Como lembrava um deputado: «*Marte dependeu sempre de Vulcano*».

29 de Janeiro — E constituída a Fundação Presidente Salazar, correspondendo a um apelo do Chefe do Estado a todos os homens ricos e de boa vontade no sentido da concretização dum antigo sonho do Presidente da República, por ele inúmeras vezes formulado: a de que cada família portuguesa tenha um lar decente. Empossada a Comissão Organizadora o Almirante Américo Tomás pronunciou, após quatro meses, o elogio público do Prof. Marcello Caetano, declarando-se «*em franca comunhão de ideias*» com ele.

SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM
CORTEC

Na resposta, o Sr. António de Medeiros e Almeida, que presidirá à Fundação, disse: «*Compete principalmente aos ricos, e àqueles a quem a situação criada por Salazar permitiu atingir mais elevado grau de prosperidade, corresponder ao apelo de V. Ex.ª*».

Na Assembleia Nacional foram ractificados por grande maioria os três decretos referentes à importação de produtos siderúrgicos.

2 de Fevereiro — Acompanhado pelo Almirante Henrique Tenreiro, o Chefe do Estado visitou uma vez mais o Presidente Salazar, cujo estado continua estacionário.

3 de Fevereiro — *A Capital* inseriu em exclusivo uma entrevista com o Ministro do Interior. Este, na sequência dos seus já famosos discursos por ocasião das tomadas de posse dos Governadores Cíveis, precisou melhor o seu pensamento acerca do próximo acto eleitoral. Revelou que o «nosso povo mostra pouco interesse pelo recenseamento» e que «foi sempre uma reduzida minoria que votou a cerca de uma décima parte dos cidadãos com mais de 21 anos». Acerca das Comissões Promotoras de Voto organizadas em Lisboa, Porto e Braga foi peremptório: «não se compadecem com as leis existentes». «Devo dizer — acrescentou — que noto nessas comissões a tentativa de formação de núcleos partidários. Ora o regime português não reconhece nem favorece os partidos políticos, o que não significa ignorar correntes de opinião». «Prevê-se a representação de minorias na Assembleia Nacional a eleger?» perguntou o repórter. «Não compreendo a pergunta» respondeu o Ministro.

IMPRESSO DE GENSUR
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORT

Provas enviadas à Censura em
27 de 3 de 196..9



4 de Fevereiro — Mondlana assassinado em Daw-Es-Salaam.

O *Século* informava que o Presidente Nyerere da Tanzânia anunciara que «Mondlane seria sepultado com todas as honras oficiais, devidas a um herói que morreu pela liberdade do seu país».

5 de Fevereiro — Às 15 horas, Salazar deixou a Casa de

Saúde da Cruz Vermelha e regressou à sua residência de S. Bento. Segundo o *Diário de Notícias* «Salazar vestia um sobretudo e seguia em posição de repouso, semi-deitado, de forma que pôde observar atentamente o movimento em redor da ambulância. Em sua casa esperavam-no o Ministro do Interior e o Director da P. I. D. E.

6 de Fevereiro — «Pois eu atrevo-me a dizer que se o Mundo

chegar ao nada, como se profetiza que chegará, e com ele se sumirem os documentos e os ecos da nossa Língua e ela já não puder ser dúctil nem formosa, nem servir para exaltar a Pátria, a fé, o heroísmo e não puder já embriagar-se com o perfume de uma flor, nem embeber-se na curva de uma asa, nem descrever a dor, nem a esperança, nem a alegria — quando ela, por se apagar na Terra e com a Terra, não puder exprimir nada disso, ou seja o que for de tudo isso, nem responder a estes versos de ritmo

SECRETARIOS DE CENSURA
AUTORIZADO (SEDE)
COM CORTES

Provas enviadas à Censura em

27 de 3 de 1967



*ardorosa — Amo o teu viço agreste e o teu
aroma | De virgens selvas e de oceano largo! |
Amo-te, ó rude e doloroso idioma — então, se
o Mundo acabar, ficam ainda na abóboda do
cêu as ressonâncias de um António Vieira e na
cintilação das estrelas e na própria labareda
do Sol as estrofes heróicas de um Camões»
Foi o deputado Conselheiro Armando Cândido quem assim falou na Assembleia Nacional, ainda a propósito da língua portuguesa. A transcrição, além das virtudes da língua, reflecte o nível do debate.*

7 de Fevereiro — Nomeado Governador Civil de Viana do Castelo, o Dr. Araújo Novo.

8 de Fevereiro — Afundou-se perto de Nova Lamego, na Guiné, uma jangada que transportava uma força militar. 47 mortos.

9 de Fevereiro — A *Seara Nova* comemorou com um almoço que reuniu muitas dezenas de pessoas o 10.º aniversário da sua renovação.

10 de Fevereiro — O Presidente do Conselho proferiu a segunda das suas conversas em família.

SÉRGIO DE GENSURA
AUTORIZADO
COM
CORTES